



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE
JANEIRO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**FOFOCA É COISA DE MENINA?: REPRESENTAÇÕES DO
FEMININO NA SÉRIE *GOSSIP GIRL***

BRENDA FELIPE SALES

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**FOFOCA É COISA DE MENINA?: REPRESENTAÇÕES DO
FEMININO NA SÉRIE *GOSSIP GIRL***

Monografia submetida à Banca de
Graduação como requisito para obtenção do
diploma de Bacharel em Jornalismo.

BRENDA FELIPE SALES

Orientadora: Prof^a. Tatiane Cruz Leal Costa

Coorientador: Prof. Marcelo dos Santos Marcelino

Rio de Janeiro


2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO


TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Fofoca é coisa de menina?: Representações do Feminino na série *Gossip Girl*.**, elaborado por **Brenda Felipe Sales**.

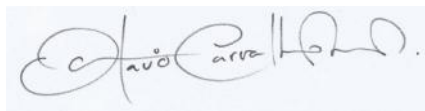
Aprovado por

Documento assinado digitalmente
 **TATIANE CRUZ LEAL COSTA**
Data: 20/12/2024 16:34:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Tatiane Cruz Leal Costa (orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO DOS SANTOS MARCELINO**
Data: 20/12/2024 12:32:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Marcelo dos Santos Marcelino (coorientador)



Prof. Dr. Octávio Carvalho Aragão Júnior

Documento assinado digitalmente
 **RIBAMAR JOSE DE OLIVEIRA JUNIOR**
Data: 20/12/2024 11:23:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ribamar José de Oliveira Júnior

Grau: 7,5

Rio de Janeiro, no dia 13/12/2024

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por me descobrir jornalista antes mesmo de eu me tornar uma. Obrigada por ter me incentivado e por dizer, exaustivamente, o quanto eu era capaz de fazer tudo que quisesse. Se eu estou me formando hoje, com certeza é por você. Espero te deixar cada dia mais orgulhosa. Te amo pra todo sempre.

Ao meu pai e melhor amigo, por nunca ter deixado que as adversidades me atrapalhassem no caminho. Por me proteger, por querer sempre o meu melhor e por me ensinar diariamente o que é amor. Ter você como pai, é um dos maiores presentes que já recebi, te amo demais.

À minha família, em especial minha avó Ana e meu avô Ivaldir, por serem uma das pessoas que mais se orgulham da pessoa que eu me tornei. Sem o apoio de vocês, nada disso seria possível.

Aos meus amigos, por serem meus maiores fãs e deixarem essa jornada mais leve.

À Deus por permitir que o sonho de estudar na UFRJ, estivesse nos seus planos.

À UFRJ, por todas as experiências únicas e aprendizados nesses quatro anos.

À mini Brenda, que nunca cansou de sonhar que um dia seria jornalista. A gente conseguiu, Brendinha!

SALES, Brenda Felipe. **Fofoca é coisa de menina?: Representações do Feminino na série *Gossip Girl***. Orientadora: Tatiane Leal Costa. Coorientador: Marcelo dos Santos Marcelino. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2024.

RESUMO

A fofoca tem sido historicamente associada às mulheres, embora seja praticada por todos os gêneros. O estigma de que fofoca é fútil e “coisa de mulher” desvaloriza as interações femininas e seus diversos papéis sociais, que envolve a consolidação da memória coletiva e o estabelecimento de normas e valores culturais. Com o objetivo de elucidar a associação entre essa prática e o gênero feminino, utilizamos a série *Gossip Girl*, que ilustra como a fofoca é uma necessidade e um comportamento natural do ser humano, sem qualquer distinção de gênero. Ao analisarmos desde as primeiras manifestações desse hábito, foi possível entender o motivo da fofoca ser mal-vista na sociedade mesmo sendo presente no cotidiano. A partir da série, conseguimos observar como as trocas de informações refletem e influenciam a dinâmica social, entendendo seu impacto em homens e mulheres. Para fomentar a perspectiva de que a fofoca é algo cultural e parte do convívio em sociedade, diversos autores foram analisados juntamente com a série, buscando desfazer a relação entre esse hábito e o feminino. Nesse sentido, é necessário um olhar amplo e sem estigmas, para que a compreensão de uma das partes integrantes da comunicação humana não seja inferiorizada.

Palavras-chave: fofoca; mulher; cultura; *Gossip Girl*.

Sumário

1. Introdução	1
2. As várias faces da fofoca	5
2.1. Análise História: como a fofoca foi construída?	5
2.2. A fofoca como memória coletiva	9
2.3. A fofoca e reputação	11
2.4. A fofoca associada ao gênero feminino	13
3. A construção da fofoqueira em <i>Gossip Girl</i>	17
3.1. Contextualização	17
3.2. A idealização da mulher fofoqueira	19
3.3. Elementos imagéticos e narrativos na série	25
4. A Fofoca enquanto cultura	31
4.1. A cultura de fofocar em <i>Gossip Girl</i>	31
4.2. A relação dos personagens com a fofoca	35
4.3. Fofoca, pertencimento e status social	40
5. Considerações Finais	43
6. Referências Bibliográficas	46

1. Introdução

De acordo com o dicionário Oxford English Dictionary, a palavra fofoca é definida como “dito maldoso, mexerico, disse me disse”. Ao olharmos essa definição com um viés de gênero, é possível inferir que o ato de fofocar está quase sempre associado a uma prática feminina de cunho fútil, uma vez que “disse me disse” é um hábito frequentemente relacionado a mulheres, cujo um dos objetivos é falar negativamente sobre algo ou alguém.

Ao contrário do senso comum, a fofoca sempre esteve presente no desenvolvimento social, sem qualquer distinção de gênero. Segundo Harari (2015), em *Sapiens: uma breve história da humanidade*, o ato de fofocar não apenas ajudou a sedimentar a linguagem há cerca de 70.000 anos atrás, período em que se desenrolou a chamada revolução cognitiva, como foi vital para a própria sobrevivência da espécie humana. Nesse ambiente, criar um fluxo de informações entre os membros, sejam machos ou fêmeas, de um bando era essencial para mapear integrantes confiáveis e conhecer os trapaceiros, possibilitando assim, a construção de sociedades mais coesas e prontas para lutar em grupo pela existência.

A perspectiva que a fofoca é algo fútil, “errado”, ruim e “coisa de quem não tem o que fazer” pela sociedade se confirma através dos resultados da pesquisa realizada pelo Instituto Real Time Big Data em fevereiro de 2022. De acordo com o estudo, 9% dos entrevistados se consideram fofoqueiros e apenas 24% acreditam que uma fofquinha pode cair bem no dia a dia, o que ressalta a percepção negativa da fofoca. Porém, 73% dos entrevistados acreditam que a população brasileira é fofqueira. Entre os top 3 assuntos que mais viram fofoca estão política/governo, polêmicas e vida alheia, respectivamente.

O presente trabalho tem como objetivo desconstruir o estereótipo de que a fofoca é algo negativo e um hábito associado intimamente ao gênero feminino a partir da análise da série *Gossip Girl*. A série é uma produção norte-americana, obra da escritora estadunidense Cecily von Ziegesar, que foi ao ar entre 2007 e 2012, e conta a história de um grupo de jovens que estudam em um colégio de elite em Manhattan e que têm suas vidas expostas em um blog de fofocas. Os personagens que serão analisados serão Serena Van Der Woodsen, personagem principal e “*It Girl*” do *Upper East Side*, Blair Waldorf, melhor amiga de Serena e um ícone *fashion*, Chuck Bass, órfão e milionário, Nate Archibald, popular e desejado pelas garotas, Dan e Jenny Humphrey, irmãos de origem humilde, bolsistas da escola e únicos moradores do Brooklyn.

Além da série, através da revisão de estudos de diversos autores como Silvia Federici (2019) e Stuart Hall (2016), buscaremos contrariar a associação entre a fofoca e as mulheres. Com a bagagem histórica de Federici (2019), compreenderemos a origem da fofoca desde a Idade Média, explicitando o momento em que a prática se tornou negativa, e com Hall (2016) ampliaremos nosso olhar sobre a metodologia da constituição de um hábito na cultura, nos debruçando em conceitos como representação, sentido, código e linguagem.

No capítulo 1, iremos tratar de uma contextualização histórica, elucidando a origem e a forma que a fofoca foi construída, inserida na sociedade e seu potencial como mecanismo de memória coletiva. Além disso, iremos tratar como a fofoca é ainda associada a má reputação de quem pratica e ao gênero feminino. Um dos objetivos principais é dar outras funções e significados para a prática de fofocar, buscando entender como uma característica humana importante se tornou mal-vista socialmente.

No segundo capítulo, faremos uma contextualização da primeira temporada da série, do blog e dos cinco personagens principais. A partir disso, iremos nos aprofundar no personagem criador do blog de fofocas, que é do gênero masculino, para explorar e compreender a maneira que ele idealiza a mulher fofoqueira e identificar os elementos que utiliza para personificar “a Garota do Blog”, pessoa que dá voz às fofocas e faz a publicação das fofocas enviadas para o blog. Para que essa análise seja robusta, iremos observar a estrutura e posicionamento do site, o vocabulário que utiliza para se dirigir aos leitores e aos envolvidos nos boatos.

Ao realizarmos a análise dos elementos imagéticos e narrativos da série, desde a escolha da cidade de Nova Iorque até os acessórios dos personagens, é possível compreendermos a forma com que a produção audiovisual impacta os telespectadores. Analisar a combinação desses elementos em *Gossip Girl* é especialmente importante porque a série se baseia intensamente em temas de aparência, poder, status social e identidade, que são transmitidos tanto pela narrativa quanto pela estética visual.

Depois de realizar a contextualização da série, no terceiro e último capítulo, iremos tratar da fofoca como cultura nos 18 primeiros episódios de *Gossip Girl* na primeira temporada, faremos uma análise da narrativa a partir dos conceitos de cultura e representação de Stuart Hall (2016) e os estudos culturais de DuGuay (1997) com a finalidade de compreender como o ato de fofocar se consolidou como um hábito central para os personagens na série. E a partir dessa perspectiva, partiremos para o processo de investigar a relação dos cinco personagens principais com as fofocas que circulam sobre eles ou sobre seu grupo e refletirmos sobre como ser o alvo da fofoca na série cria uma noção de pertencimento e status social.

Hall (2016) se debruça nos estudos culturais desde a definição de linguagem e sua importância para a cultura como um repositório de valores e significados, passando pela construção de sentido e chegando ao papel da representação. Segundo o autor, “a linguagem é um dos ‘meios’ através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura” (Hall, 2016, p. 18). Conceitos esses que são fundamentais para que a fofoca seja compreendida no contexto da série, uma vez que os sentidos são criados e perpassados por intermédio da linguagem, que são específicos de cada grupo.

Após a compreensão e análise nas diversas teorias sobre as funções sociais da fofoca e como elas funcionam no cotidiano, iremos buscar conclusões sobre a importância dessa ferramenta social e as justificativas para sua má caracterização no imaginário coletivo. Além de apontar aspectos relevantes para o convívio social e construir argumentos que afastem a perspectiva de que a fofoca é algo fútil, feminino e sem utilidade para o desenvolvimento da sociedade.

Nesse sentido, é essencial reconhecer o papel importante e complexo que a fofoca exerce na sociedade. É preciso desconstruir a ideia de que toda fofoca é mal-intencionada ou vazia. Em muitos casos, ela envolve a troca de informações úteis ou relevantes para o grupo, como alertas sobre comportamentos suspeitos ou perigosos. Dessa forma, fofocas podem ser informativas e até preventivas. Além do impacto coletivo, as trocas podem funcionar como uma forma de autorreflexão, que é o caso dos personagens de *Gossip Girl*.

Ao ouvir e contar histórias sobre outras pessoas, os indivíduos têm a oportunidade de refletir sobre suas próprias ações e comportamentos. Muitas vezes, o que é compartilhado sobre os outros nos faz pensar sobre como lidamos com questões similares em nossas próprias vidas. Isso é bastante exemplificado pela *Gossip Girl* e suas revelações no blog, uma vez que os personagens se desenvolvem a cada temporada através dos escândalos de cada episódio.

Outra função social que a série destaca é a necessidade de autoafirmação. Fofocar pode ser uma forma de reforçar a identidade de grupo e de autoafirmação. Pessoas que compartilham uma visão comum sobre outra pessoa ou sobre um acontecimento sentem que pertencem a um grupo, e isso fortalece sua própria identidade. Ao vivenciarem a exposição dos boatos, se sentem pertencentes a um grupo e isso impacta diretamente na forma como se veem no mundo da elite.

Portanto, o objetivo central deste estudo é afastar a percepção que a fofoca é “coisa de menina” e lançar um olhar sem estereótipos sobre uma prática humana que perpassa culturas e que data possivelmente as noções e as habilidades de socialização, desde o advento da fala. A discussão deste tema pretende auxiliar a elucidação da verdadeira função social da fofoca e

refutar a visão distorcida pelo senso comum, buscando trazê-la ao imaginário social de maneira a reconhecer sua importância. Ao aprofundarmos nos estudos sobre esse fenômeno social, será possível afastá-lo dos vieses impostos pelo senso comum.

2. As várias faces da fofoca

No capítulo 2, pretendo explorar o contexto histórico da fofoca, elucidando sua origem, como foi incorporada à sociedade e seu papel como mecanismo de memória coletiva. Além disso, abordarei a associação da fofoca à má reputação e ao gênero feminino, refletindo sobre como esses estereótipos foram construídos. O objetivo é apresentar as diversas facetas da fofoca, indo além da visão limitada de que ela é sempre algo negativo.

2.1. Análise História: como a fofoca foi construída?

Para a compreensão da maneira que a fofoca foi construída e o motivo de ser interpretada como algo ruim, é necessário a busca histórica desde a etimologia da palavra. Pouco tivemos resposta na busca pelo significado do termo “fofoca” em português, porém o dicionário Houaiss destaca a origem africana da palavra, significando “remexer, revolver”. O termo em inglês, “Gossip”, também não tem nenhuma relação de sentido pejorativo. Derivada dos termos ingleses arcaicos God [Deus] e sibb [aparentado], “gossip” significava, originalmente, “god parent” [padrinho ou madrinha], pessoa que mantém uma relação espiritual com a criança a ser batizada (Federici, 2019).

Com o passar do tempo, é possível observar como o termo começou a ser utilizado socialmente. No século XIV, por exemplo, o verbo “*to gossip*” aparece na obra de Shakespeare. Nesse contexto, o significado vem do momento do parto e se referia às mulheres que ficavam de companhia para a grávida que estava prestes a dar à luz, conversando e tranquilizando a mãe para a chegada do bebê. Também se tornou um termo para amigas mulheres, sem conotação necessariamente derogatória. Em todo caso, a palavra tinha fortes conotações emocionais (Federici, 2019). Como a reunião durava até o nascimento da criança, as mulheres conversavam sobre diversos assuntos, e muitas vezes, terceiros eram assuntos em pauta, o que permitiu que “gossip” passasse de padrinho a “falar dos outros” (Federici, 2019).

Entre os séculos XV e XVI, tanto na Inglaterra quanto na França, como relata Thomas Wright em *A History of Domestic Manners and Sentiments in England during the Middle Ages* [uma história de costumes e sentimentos domésticos na Inglaterra durante a Idade Média] (Londres, Chapman and Hall, 1862), a fofoca foi tema de muitas canções populares na época. As especulações eram que as mulheres não preferiam viver a vida com seus maridos, desejando uma vida autônoma, priorizando reunir-se com suas “gossips” em tavernas públicas para beber e se divertir (Wright, 1862).

A partir disso, a posição social das mulheres começou a se deteriorar, principalmente as que pertenciam a classes mais baixas. As mulheres, com o passar do tempo, foram constantemente acusadas de bruxaria e isso refletiu em um número cada vez mais expressivo de agressões contra esposas, caracterizadas por seus maridos como “rabugentas” e “dominadoras” (Federici, 2019). Com esse viés, o significado de “gossip” foi cada vez mais designado a mulheres envolvidas em conversas fúteis.

À medida que o século avançou, a conotação negativa da palavra predominou. Com a consolidação dos ideais de família, autoridade patriarcal e a tentativa de excluir a mulher do convívio em sociedade, as amizades femininas foram enfraquecidas. Importante ressaltar que no fim do século XVI, a mulher poderia ser punida por qualquer demonstração de independência ou crítica em relação ao seu marido. As punições criadas foram desde tortura a exclusão de direitos sociais (Federici, 2019).

Em 1547, na Inglaterra, foi expedido um decreto proibindo as mulheres de se encontrarem para tagarelar e conversar e ordenando aos maridos que “mantivessem as esposas dentro de casa” (Federici, 2019). As amizades femininas foram cada vez mais sendo destruídas ao serem obrigadas, sob pena de punição, terem que denunciar umas às outras, forçadas à torturas físicas e psicológicas (Federici, 2019).

Registrado pela primeira vez na Escócia, em 1567, a punição contra as “rabugentas” foi implementada, o instrumento foi inicialmente nomeado de “*scol'd 's bridle*” [rédea ou freio das rabugentas], também chamado de “*branks*”. O aparelho era uma engenhoca sádica de metal e couro, com objetivo de rasgar a língua da mulher se ela tentasse falar, e muitas vezes, possuía várias pontas afiadas, de modo que se a infratora mexesse a língua, causaria dor. O sentido de “*gossip*” foi alterado, mais uma vez, por batizarem, posteriormente, o instrumento de “*gossip bridle*” (Federici, 2019).

A partir desse contexto, “*gossip*” se transformou, de uma expressão de amizade em difamação. Mesmo quando usada no seu significado original, a palavra revelava novas conotações. De acordo com Federici (2019), “referiam-se a um grupo informal de mulheres que forçavam comportamentos socialmente aceitos por meio de censura privada ou rituais públicos, sugerindo que (como no caso das parteiras) a cooperação entre as mulheres era colocada a serviço da manutenção da ordem social.”

Depois do período de punição em relação à prática de fofocar, mesmo ainda sendo vistas de maneira pejorativa, apelidos como “alcoviteiras”, “regateiras” e “peixeiras” foram criados para caracterizar mulheres que funcionam como pombos-correios das notícias. Os alcoviteiros, muito retratados pela literatura, como as peças teatrais de Gil Vicente, eram

pessoas comuns que optavam por espalhar notícias cuja veracidade podia confirmar-se ou não e sendo mais associado ao indivíduo do sexo feminino (Figari, 2007).

Assim, a alcoviteira foi se tornando parte essencial da sociedade, à medida que as mudanças sociais aconteciam de século para século. A função de pombo-correio era além de repassar informação, incluía também apurar mais detalhes sobre um determinado tópico do momento e criar rumores sem se preocupar com a veracidade da informação. Em um primeiro momento, o corpo da alcoviteira era, para os homens, um objeto convidativo, que despertava sedução para escutar a informação que seria transmitida, já em uma segunda fase, em um contexto de maior popularização dessa atividade, o corpo não era mais algo imprescindível, mas a curiosidade de saber a informação era algo que perpassou o período (Pinheiro; Tauber, 2012).

Ao observar o avanço e reconhecimento da fofoca, é possível constatar que a prática sempre existiu, mesmo quando ainda não era nomeada como tal, sendo uma necessidade humana no convívio em sociedade. “Comunicar faz parte do homem e a procura da notícia, da novidade sobre o que os indivíduos fazem e constroem também” (Fontucuberta, 1980). Ao tomarmos como exemplo as primeiras manifestações de organização de grupos e convívio social, é possível constatar que a criação de vínculos através da comunicação foi parte de um traço evolutivo da espécie humana.

Dunbar (2004) sugere que sem a fofoca, não teríamos a formação da sociedade conforme fomos inseridos. Para ele, a prática de trocar informações em grupos foi um ganho para a sobrevivência da espécie, possibilitando um desenvolvimento das habilidades interpessoais que temos atualmente, entre elas, a de se comunicar. “Sem a fofoca, não haveria sociedade. Em resumo, a fofoca é o que torna a sociedade humana como conhecemos possível” (Dunbar, 2004, p.100).

Apesar de tantas contribuições para constituir nossa forma de se relacionar com o ambiente que estamos inseridos, ainda sim é uma prática mal-vista, mas que não pode ser analisada de maneira isolada. A fofoca, assim como qualquer outro fenômeno social, sofre pressões externas, de normas sociais e de convenções dominantes, podendo ser caracterizada como boa ou ruim de acordo com o grupo e com as crenças compartilhadas. Dessa forma, é possível sugerir que a fofoca também é uma ferramenta que sofre influência das regras e opiniões dominantes em um determinado contexto e sua importância será avaliada de acordo com o que convém na relação de um grupo.

Com a necessidade de se expressar, os vínculos sociais também são afetados pelas crenças prevalecentes. A socióloga e cientista política alemã, Elizabeth Noelle-Neumann, em

A espiral do silêncio (1984), confirma o quanto a opinião predominante interfere no vínculo de um grupo. Para ela, as pessoas possuem certa sensibilidade a respeito da opinião hegemônica, desenvolvendo um medo de se expressar e de ser excluído de um grupo. Com isso, preferem omitir sua opinião e se aproximar da crença que o grupo julga ser dominante, fazendo com que, cada vez mais, outros indivíduos se ausentem de expor suas opiniões divergentes e fechem a espiral.

Com o advento dos meios de comunicação, principalmente os de massa, esse comportamento ficou cada vez mais frequente, afirmando o poder e influência desses meios na formação da opinião pública. Segundo Monique Augras (1970), a opinião é formada por três fatores determinantes: os fatores psicológicos, fatores sociológicos e fatores circunstanciais. Os fatores psicológicos são responsáveis por formar atitudes e opiniões, os sociológicos constroem as atitudes do grupo de acordo com suas particularidades e os circunstanciais desencadeiam a conscientização da opinião pública. Nesse sentido, é possível inferir que a fofoca é um fenômeno de nível social e que surge através de motivações individuais, sofrendo mudanças no nível circunstancial.

O alcance, velocidade e a facilidade da internet, fez com que ideologias, valores e ideais fossem transmitidos de forma quase instantânea, possibilitando ainda mais trocas. A partir disso, vieram as redes sociais, que muitos têm como fonte principal de informação. Os meios digitais transformaram o modelo de fazer notícia e também mudou a forma de construir e receber “fofocas”. Agora, não estamos interessados em apenas “fofocar” e receber “fofocas” de pessoas que temos vínculo ou que conhecemos, queremos ter atualizações de pessoas que admiramos ou até mesmo de famosos.

A partir disso, tivemos a ascensão dos perfis de fofoca nas redes sociais. É notório ressaltarmos como a estrutura, desde sua criação, foi pensada para mulheres, o que endossa nosso debate. Mesmo após longos séculos de distorção da função social da fofoca, os perfis de fofoca, ainda seguem a ideologia de que a fofoca é de interesse ao público feminino, tanto visualmente, quanto em sua linguagem textual. Essa percepção também é reforçada pelo entendimento ainda intrínseco na sociedade de que a fofoca é uma informação fútil e endereçada para as mulheres, principalmente as cuidadoras do lar, na qual alegam que possuem mais tempo para “perder”.

Tarcilane Fernandes da Silva e Juscelino Francisco do Nascimento (2018) em um estudo sobre o perfil de leitores de revistas de fofoca destacam como essa percepção ainda molda os ideais da sociedade contemporânea. “A projeção desse perfil feminino apresentado pelas revistas reflete os valores sexistas ainda difundidos em nossa sociedade com relação à

mulher. Esses valores ecoam nos dias de hoje por meio dos discursos cotidianos presentes, sobretudo, nos meios midiáticos.”

A partir do ponto de vista que a fofoca é um fenômeno social praticado e convencionado por humanos com interferências múltiplas, é necessário estudá-la, compreendendo sua totalidade e seus limites enquanto processo. “Estudar a fofoca é assim equivalente a investigar a relação entre a ação individual e a estrutura da sociedade em que o indivíduo está imerso”, Besnier (1996). Assim como é necessário compreender o imaginário social e a cultura de um local, mais especificamente de um grupo. A retomada da história é uma atividade crucial para que possamos entender como e porque vemos a fofoca como algo prejudicial. Dessa forma, ainda temos rastros de um passado que inferioriza a mulher em várias facetas, e a prática da fofoca é uma delas.

2.2. A fofoca como memória coletiva

A capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações é uma forte característica do ser humano enquanto espécie. A partir do convívio em sociedade, a memória se posicionou como um mecanismo coletivo, sendo construída por meio de diálogos cotidianos, acontecimentos marcantes, monumentos, ritos e costumes de um determinado grupo. De acordo com o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), esse é o conceito de memória coletiva, que é definido por ser um processo social de reconstrução do passado por um grupo, que compartilha uma experiência comum em torno do período correspondente.

Sendo assim, a partir das reflexões de Halbwachs (1990), as memórias são construídas ao longo do tempo pelos grupos sociais, já que as pessoas lembram no sentido literal e físico dos acontecimentos, porém é na coletividade que vai ser determinado o que será lembrado. Assim, quanto mais forte o grupo social, mais forte serão as memórias, uma vez que a intensidade do grupo que estamos inseridos estruturam o nível de lembrança que iremos recordar, sejam elas boas ou ruins.

Os grupos sociais são definidos pela interação estabelecida entre as pessoas e o sentimento de identidade existente, sendo uma forma básica de associação humana. Grupo familiar, religioso e educativo são alguns exemplos de grupos que fomos inseridos desde o nosso nascimento. O compartilhamento de histórias, objetivos, interesses, valores, princípios, símbolos, tradições e até mesmo o idioma criam relações particulares e com diferentes níveis de trocas. Assim, o nível de interação e pertencimento a um grupo específico, irá influenciar a

formação de gostos, valores, visões de mundo e até mesmo opinião, o que está diretamente relacionado à memória.

A memória coletiva, conceito desenvolvido por Maurice Halbwachs (1925), refere-se à reinterpretação do passado e à construção do presente por meio das interações de um grupo, transformando eventos em imagens e ideias que continuam a moldar o coletivo. Esse conceito pode ser relacionado ao inconsciente coletivo de Carl Gustav Jung (1916), que descreve uma camada da psique humana compartilhada, formada por arquétipos e padrões universais. Ambos os conceitos destacam como experiências e símbolos do passado se perpetuam no grupo, influenciando o comportamento e a percepção das novas gerações.

Desse modo, a partir das trocas de um grupo, as experiências que serão lembradas e transmitidas para outras gerações também serão determinadas por ele. De acordo com Olga Von Simson (2003), a memória coletiva é formada por fatos e aspectos julgados importantes e que são guardados como a memória oficial da sociedade mais ampla, se expressando no que chamamos de “lugares de memória”. Eles são os memoriais, os monumentos mais importantes, os hinos oficiais, quadros célebres, obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade (Von Simson, 2003).

O conceito de “lugar de memória” surgiu através dos estudos do historiador francês Pierre Nora (2012), que dividiu esse local a partir de três características que o constituem. Uma delas é a materialidade, que se manifesta em coisas físicas como museus, arquivos, coleções, monumentos e tratados. A segunda característica é se posicionar como funcional, uma vez que garante a cristalização da lembrança e, conseqüentemente, sua transmissão. O terceiro atributo é a questão simbólica, já que remete a um acontecimento vivido por um grupo minoritário de pessoas, que muitas vezes, nem estão mais vivas e ainda sim, consegue trazer uma representação muito vívida para um grupo que não participou de um certo acontecimento.

Os acontecimentos vividos por um indivíduo em um lugar, muitas das vezes, são transmitidos através da oralidade para aqueles que não estavam presentes, e essa lembrança se torna um patrimônio daquela comunidade. As informações julgadas como mais relevantes serão repassadas, constituindo a história oral do grupo. A memória coletiva, nesse caso, tenderá a idealizar o passado e estará vinculada a um acontecimento pontual, cuja relevância será definida por aqueles que viveram o momento em si, como discutido na obra *A Invenção das Tradições* de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1983).

Michael Pollak (1989), em “Memória, esquecimento e silêncio”, pontua sobre o caráter tendencioso da memória, principalmente por ser uma construção social em que as

testemunhas do acontecimento elegem seu grau de importância. Pollak (1989) destaca que a memória envolve um processo de escolha, sendo parcial e seletiva. Isso significa que o caráter das recordações pode ser diferente no quesito importância, uma vez que os grupos sociais possuem opiniões e valores diferentes.

Dessa forma, podemos inferir que a fofoca é um mecanismo de memória coletiva. Isso porque através do relato, mesmo se o indivíduo não estiver presente no momento do fato, ele consegue obter informações. Além disso, o período que essa informação será lembrada também será influenciado pelos grupos sociais que transmitiram essa “fofoca”. Portanto, pertencer ou até mesmo interagir com um grupo vai impactar no volume de relatos que uma pessoa vai receber, visto que participar de um círculo social vai beneficiar aqueles que fazem parte, formando assim uma rede de informações. Quanto mais conexões dentro dessa rede, mais acesso à memória coletiva se tem.

A identificação com os valores do grupo também será determinante para a recepção desse relato. Caso a pessoa que vai receber a informação não compartilhe dos mesmos códigos, valores e princípios, a transmissão da fofoca pode sofrer alterações, uma vez que virá acompanhada de um julgamento. E caso contrário, ela irá se perpetuar em mais grupos e será comentada por mais tempo, visto que temos um interesse em comum.

2.3. A fofoca e reputação

Com a prática de fofocar, o indivíduo começou a se preocupar com a sua reputação e sua imagem. Isso porque a reputação de uma pessoa está diretamente relacionada com a percepção externa, levando em consideração experiências anteriores, ações e comportamentos, assim como o ato de fofocar. Quando uma pessoa se coloca no lugar de compartilhar ou ouvir alguma informação, a sua reputação, isto é, sua credibilidade também é colocada em risco. Nesse sentido, a fofoca exerce um impacto significativo na notoriedade do ser humano, tanto de forma positiva, como também negativa.

A propagação rápida e o potencial de alcance que a fofoca tem, principalmente na Era digital, são alguns desses impactos. Nesse caso, pela velocidade da transmissão das informações sem a devida checagem se aquele fato é verdadeiro ou falso, a percepção pública de uma pessoa é afetada, antes mesmo que ela tenha a chance de responder ou esclarecer a situação, e isso faz com que ela se mostre uma pessoa não confiável.

A construção da narrativa também pode ser uma detratora da reputação, dependendo de quem, como contam a informação e a pessoa que escuta, o que reforça também seu

impacto emocional. Muitas vezes, os grupos criam narrativas que podem distorcer a realidade e isso acontece seja por motivos pessoais ou até mesmo por uma questão de interpretação, o que permite que as informações sejam passadas de forma incompleta ou exagerada e que podem levar a mal entendidos e prejudicar a reputação.

Ser alvo ou repassar uma fofoca negativa impacta a autoestima e a confiança de uma pessoa, afetando seu ambiente e convívio social. O episódio 13 da primeira temporada da série norte-americana *Gossip Girl* (2007), ilustra como ser alvo de uma fofoca, impacta nas relações interpessoais. Durante o intervalo da aula, nas escadarias do *Metropolitan Museum of Art*, Blair chama algumas meninas para o almoço e exclui outras, e rapidamente suas amigas, ao saberem que ela estava sendo alvo de um escândalo, exclamam: “Blair, uma pessoa atolada em escândalo como você, não está na posição de definir quem almoça com a gente.”

O teor da fofoca irá definir a forma com o sujeito será afetado. Caso ela seja positiva, como elogios e reconhecimentos, podem ajudar na formação de uma reputação favorável e na construção de uma imagem pública sólida. No caso de ser uma informação negativa, a credibilidade de quem conta e de quem ouve também é colocada em risco, mesmo que a informação só esteja sendo passada, sem caráter verdadeiro. Dessa forma, a reputação corre o risco de ser manchada e uma vez que isso ocorre, é difícil restaurá-la.

Tendo em vista esses impactos, as pessoas acabam assumindo o papel de gestoras de suas próprias reputações pessoais, se comportando da mesma forma que empresas, com zelo pelo seu nome e atenção às percepções externas. Isso ocorre, principalmente, pela fofoca ser entendida como uma ferramenta poderosa e que influencia o convívio e comportamento de um grupo, podendo acarretar consequências negativas que podem durar por um longo período.

Ainda tendo como exemplo a série *Gossip Girl* (2007), no episódio 13 da primeira temporada, disponível na *Netflix*, uma conversa entre duas melhores amigas, Blair Waldorf e Serena Van Der Woodsen, expõe essa preocupação. Blair diz para Serena: “Você pode ir à festas, ficar doidona, transar com quem quiser, fugir, voltar [...]. Você detonou sua reputação há muito tempo, e ninguém está nem aí, mas eu sou uma Waldorf.” E Serena logo revida: “Você e sua reputação não precisam de mim, nem das pessoas que eu ando. Você e o nome Waldorf vão sobreviver a esse temporal sozinhos.”

A imagem de um indivíduo ou até de uma família é um aspecto fundamental para a compreensão da reputação. O conceito de imagem pessoal refere-se à percepção que os outros têm de um indivíduo, influenciado por diversos fatores como aparência, comportamento,

comunicação e atitudes. Nesse caso, com a priorização de um bom status social, as pessoas podem, por vezes, acabar mentindo com a justificativa de manter uma boa aparência.

No episódio 10 da primeira temporada da série *Gossip Girl* (2007), essa atitude é exemplificada. Como rito da elite nova-iorquina, anualmente é realizado o Baile de Debutante para as meninas, em que elas próprias devem produzir um discurso que fale de suas pretensões futuras. Nesse contexto, Serena Van Der Woodsen monta um discurso e mostra para sua mãe, Lily, que desaprova por não estar alinhada com a impressão que deseja passar e reforça que “o discurso em si deve causar boa impressão social, mesmo se for mentira.” E Serena, se revolta e diz que aquele discurso não a define, pontuando que “você se importa apenas com a imagem que vou passar de você”.

Desse modo, é notável a preocupação dos indivíduos com a sua reputação, seja por razões emocionais, sociais ou até mesmo práticas. Se proteger e construir uma boa reputação é, portanto, um comportamento natural do ser humano que auxilia a garantir relacionamentos saudáveis, oportunidades e senso de identidade positivo. 2.4. A fofoca associada ao gênero feminino

Sob uma perspectiva histórica é possível compreender a maneira que a fofoca começou a ser associada ao gênero feminino. Hoje, “gossip” [no sentido de fofoca] designa a conversa informal, geralmente danosa às pessoas que servem de assunto. É, na maioria das vezes, uma conversa que extrai sua satisfação da depreciação de outros; é a disseminação de informações não destinadas à audição pública, mas capazes de arruinar reputações, e é, inequivocamente, uma “conversa de mulheres” (Federici, 2019).

O papel da mulher na sociedade pode ser considerado uma das causas raízes para a consolidação desse estereótipo. Historicamente, as mulheres têm sido colocadas no papel de cuidadoras do lar, ocupando funções que possibilitavam maior interação social, como lavar roupas em pedras e levar seus filhos para a escola. Dessa forma, a percepção de que as mulheres fofocam é parte de suas personalidades desde então.

De acordo com Federici (2019), essa associação, majoritariamente realizada por homens, se deu com o objetivo de desvalorizar essa prática. De acordo com eles, as mulheres fofocavam principalmente por não terem nada melhor a fazer, por terem menos acesso ao conhecimento e por terem uma inabilidade estrutural de construir discursos racionais. “A fofoca é parte integrante da desvalorização da personalidade e do trabalho das mulheres, em especial do trabalho doméstico, supostamente terreno ideal para que essa prática prospere” (Federici, 2019).

As normas sociais também distinguem a forma como meninas e meninos são instruídos a socialização. Desde a infância, as meninas são incentivadas a serem mais comunicativas e a valorizar relacionamentos, enquanto os meninos são direcionados a serem mais diretos e não perderem tempo com trocas “bobas”. Isso não significa que os meninos não fofquem, eles também possuem esse momento de trocas entre eles, mas isso é nomeado e interpretado de forma diferente pela sociedade.

No primeiro episódio da primeira temporada da série *Gossip Girl* (2007), disponível na plataforma de streaming *Netflix*, é exemplificado o fato de os meninos também fofocarem. Quando Dan, Rufus e Jenny Humphrey estão tomando café antes de ir para a escola, Rufus, pai dos dois, mostra uma revista que tem como assunto uma “Lista das 10 bandas mais esquecidas dos Anos 90” e a banda dele aparece em nono lugar. Logo Jenny diz para Dan, que não se importa com a lista, e brinca com o irmão: “você ia ligar se a banda do papai estivesse na Garota do Blog”. E Dan responde: “Por quê? não estou nem aí para a *Gossip Girl*. Isso é coisa de menina”. Jenny logo rebate: “E o seu laptop aberto ontem na página?”. Esse trecho deixa explícito que a sociedade impõe e classifica as dinâmicas como femininas ou masculinas, não reconhecendo a fofoca como uma prática entre meninos.

A representação de mulheres como fofoqueiras em filmes, séries e livros alimenta a ideia de que esse comportamento é característico do gênero feminino. Essas narrativas presentes em reality shows, séries de TV, literatura e até mesmo nas propagandas podem reforçar e perpetuar a associação da fofoca com as mulheres. Com isso, esses estereótipos, uma vez presentes nas mídias de massa, colaboram com a estigmatização, redução e normalização desse comportamento.

A associação entre os veículos de massa e as mulheres não é recente. Textos clássicos das ciências sociais e da psicologia desde o século XIX buscam estabelecer essa relação a partir da controversa ideia da multidão como um fenômeno social com características femininas, tais como irracionalidade e a volubilidade (Le Bon, 1905). Nesse sentido, como resultado dessa ideologia da época, os produtos midiáticos voltados para o público feminino começaram a ser classificados como intrinsecamente inferiores.

No artigo “Dramas televisivos de Prestígio” (2019), é tratada a forma como os produtos midiáticos voltados ao público feminino são rotulados de forma explícita, enquanto os de classificação masculina, não possuem qualquer tipo de caracterização. “Esse é um dado que costuma ser ignorado na apresentação das tramas, tanto pela crítica quanto pelo público, que não costuma defini-las como séries “de homenzinho”, em contraposição às séries protagonizadas por mulheres, que costumam ser rotuladas, de forma pejorativa, como

endereçadas particularmente ao público feminino (Castellano; Meimaridis; Gabriel Ferreirinho, 2019).

A série *Gossip Girl* (2007), classificada como “série de menina”, subverte as expectativas ao revelar que a “garota fofoqueira” ou a “garota do blog” não é uma menina. No final da sexta temporada, que marca o fim da série, os telespectadores esperavam que o personagem por trás do blog em que os boatos sobre os personagens são constantemente publicados fosse uma mulher, mas era um homem. Isso mostra como os vieses influenciam nas nossas percepções, fazendo com que através da forma de se comunicar ou até mesmo através dos hábitos, classifiquemos uma atitude como feminina ou masculina.

No livro *Como Escrever Séries*, Sonia Rodrigues discute como as séries são moldadas por uma combinação de fatores que vão além do conteúdo narrativo, incluindo aspectos visuais e musicais. Ela destaca que a escolha de paletas de cores vibrantes e trilhas sonoras específicas pode reforçar estereótipos e influenciar a percepção do público. Esses elementos visuais e sonoros têm o poder de definir uma série como "feminina", ao focar em temas como relações interpessoais e experiências emocionais, que são comumente associados ao público feminino.

No caso da série *Gossip Girl* (2007), desde seu nome deixa enviesado o seu público-alvo, porém, ao revelar o protagonista da série, os estereótipos são subvertidos. Apesar da série ter todas as características de uma série feminina, o protagonista é um homem. De acordo com o site Adoro Cinema, a primeira temporada da série totalizou em média 2.565.00 de espectadores por episódio nos Estados Unidos, o que revela seu amplo alcance, sendo 70% do público feminino e 30% masculino. Com relação à faixa etária, é interessante pontuarmos que os homens que assistiam a série eram predominantemente jovens adultos na faixa dos 20 a 34 anos.

Podemos inferir que o interesse de jovens adultos se deu principalmente pela série não se limitar a personagens femininas quando o assunto era fofoca. Os personagens masculinos como Chuck Bass e Nate Archibald, contribuem ativamente com as fofocas do blog, enviando fotos e vídeos para a *Gossip Girl*. Além disso, a figura onipresente e anônima da garota do blog, que divulga os segredos e fofocas, não é definida por gênero e se dirige a todos os personagens, independentemente de serem homens ou mulheres. Nesse sentido, durante a série ninguém escapa de ter seus segredos expostos.

A dinâmica social da série também contribui para que o hábito de fofocar não fosse associado apenas às mulheres. As interações entre os personagens criavam um ambiente onde todo o elenco, independente do gênero, possuía segredos. Outro aspecto que reforça essa

percepção é que as revelações feitas pela garota do blog geram impactos diretos em todos os personagens, fazendo com que os meninos e as meninas reagissem aos boatos, impulsionando o mistério da narrativa.

Dessa forma, é possível concluirmos que tanto as mulheres quanto os homens têm interesse em fofocar, independente da intenção, seja para apenas trocar informações ou deteriorar a imagem de algo ou alguém. Nesse sentido, seria injusto associar apenas às mulheres o hábito de fofocar.

3. A construção da fofqueira em *Gossip Girl*

No capítulo 3, farei a contextualização da série, do blog e dos cinco personagens principais. O foco estará no criador do site, um homem, analisando como ele idealiza a figura da mulher fofqueira e os elementos que utiliza para construir esse personagem feminino. A investigação abrangerá a estrutura do blog, as gírias mais utilizadas, o vocabulário associado ao universo feminino, o posicionamento do blog e a forma como ele se refere aos personagens envolvidos nas fofocas.

3.1. Contextualização

Com o objetivo de elucidar a associação entre o ato de fofocar e as mulheres, iremos nos debruçar sobre a série *Gossip Girl*, obra de Cecily von Ziegesar, lançada em 2007 no canal HBO Max, que atualmente é apenas “Max”. A produção audiovisual é um drama adolescente que se passa no Upper East Side, em Manhattan, Nova Iorque e conta a história de um grupo de jovens da alta sociedade. O clímax da série é definido pela narração de uma blogueira anônima, conhecida como “Garota do Blog”, que é responsável por divulgar segredos e escândalos da elite nova-iorquina.

A série acompanha personagens como Serena Van Der Woodsen, Blair Waldorf, Chuck Bass, Dan e Jenny Humphrey e Nate Archibald, explorando suas personalidades, rivalidades, segredos e romances. Serena Van Der Woodsen, uma das protagonistas da série, é uma personagem marcada pela sua beleza, carisma, estilo e que enfrenta a fama, expectativas da sociedade e a pressão de ser uma pessoa pública. Já Blair Waldorf, uma socialite de Manhattan, é conhecida pela sua personalidade forte, pela sua ambição e por ser uma das personagens mais cautelosas quando o assunto é a sua reputação.

Chuck Bass, herdeiro de uma família poderosa em Nova Iorque, é manipulador e quase nunca demonstra suas emoções. Uma de suas características principais é que, apesar de estar ligado aos boatos, seu nome não aparece nas revelações feitas pela *Gossip Girl*. Nate Archibald é um personagem que precisa lidar com muitas expectativas da família e quase nunca consegue fazer o que realmente deseja, pela influência e pressão dos seus pais para que fosse o “garoto ideal” para as meninas da elite.

Dan e Jenny Humphrey, são dois irmãos, que diferentemente dos outros personagens, não pertencem à elite de Manhattan. Os dois são moradores do Brooklyn e enfrentam vários desafios para serem incluídos no círculo social dos jovens da elite de suas escolas, em que são

bolsistas. Dan é um personagem que frequentemente reflete sobre as dinâmicas sociais ao seu redor e busca equilibrar sua identidade e valores com as pressões de estar em um ambiente com pessoas da elite. Jenny Humphrey, sua irmã mais nova, já não tem essa maturidade e se esforça ao máximo para ser inserida no “mundo da elite”, deixando de lado sua autenticidade e inventando mentiras apenas para pertencer a um grupo.

Apesar da série ter seis temporadas, vamos analisar a associação entre mulheres e a fofoca, tópico central da trama, na primeira temporada, que é composta por 18 episódios. Essa temporada foi escolhida, principalmente, por mostrar os personagens em ambientes de exposição e vida pública, em que estão ainda descobrindo como lidar com os boatos e especulações, reconhecendo a importância da imagem e da reputação, principalmente por serem da elite. Outro fator também levado em consideração foi o primeiro contato dos personagens da elite com os dois irmãos da classe média, em que é possível explorar a percepção dos dois “mundos” em relação à Garota do Blog.

A fofoca assume um papel central na série, sendo responsável por moldar a narrativa dos episódios e a interação entre os protagonistas. A figura da *Gossip Girl*, uma blogueira anônima, representa a onipresença da fofoca na vida social da elite nova-iorquina. Durante a temporada, a fofoca é tratada como uma forma de poder, capaz de construir ou destruir a imagem de alguém, sendo usada também como um mecanismo de vigilância e pressão social.

Além disso, a série trata um outro papel da fofoca. Enquanto pode ser uma maneira de gerar entretenimento e conexão, também é capaz de provocar dor, traição e isolamento. Isso é exemplificado ao longo dos episódios, em que os personagens lutam com a necessidade de manter suas imagens públicas, ao mesmo tempo em que enfrentam as consequências dos boatos no cotidiano.

As revelações da Garota do Blog frequentemente levam a conflitos, desentendimentos e até mesmo rompimentos, mostrando como os boatos podem ter consequências reais e devastadoras. Isso ao mesmo tempo que se mostra uma forma poderosa de ascensão social e notoriedade, tudo depende da posição em que estamos, se somos alvo ou propagadores de um fato. Jenny Humphrey é uma das personagens que utiliza a fofoca como um meio de ascender socialmente e se inserir na elite, porém ao divulgar uma informação íntima, acaba gerando conflitos.

A relação entre mulheres e fofocas reflete tanto a dinâmica de poder quanto as complexidades das relações femininas. As personagens, especialmente Blair Waldorf e Serena van der Woodsen, são frequentemente alvo de fofocas e ao mesmo tempo, participantes ativas no processo de disseminação de boatos. Além de usarem a fofoca para exercerem influências,

reforça, mesmo que dentro da elite, a persistência pela manutenção do status e aceitação em suas próprias famílias. Blair é um exemplo disso, toda vez que se sente ameaçada, utiliza e manipula informações para controlar o seu círculo social.

No entanto, as mulheres da série lutam com pressões de imagem e reputação e a forma como são percebidas pela Garota do Blog, influencia a percepção de suas identidades e decisões. Nesse sentido, a série utiliza a dualidade da fofoca para examinar diferentes questões de poder e amizade, realizando uma crítica ao impacto da cultura e da fofoca na vida das mulheres.

3.2. A idealização da mulher fofoqueira

A criação de personagens em séries envolve um processo criativo multifacetado, começando com a definição do tema e tom, que são fundamentais para o desenvolvimento dos personagens. Esse processo inclui o planejamento de arcos emocionais ou de crescimento, essenciais para construir personagens tridimensionais com personalidades complexas. Este conceito pode ser aprofundado em fontes como *Como Escrever Séries*, de Sonia Rodrigues, que explora a construção de personagens e o impacto da temática na narrativa audiovisual.

Além da personalidade, crucial para gerar identificação com os telespectadores, as histórias pessoais de cada personagem também são essenciais. O público tem anseio para saber sua origem, suas motivações e ambições, experiências passadas, relação com a família e até mesmo traumas, o que faz com que se conectem com o personagem emocionalmente. As características e traços únicos como personalidade, estilo e linguagem também são importantes para aproximar os telespectadores com a trama. De acordo com Vermeule (2010), os espectadores de narrativas ficcionais se interessam por tentar ler a mente dos personagens maquiavélicos, para, assim, desenvolver suas próprias habilidades sociais.

Igartua (2009, *apud* Moraes e Pacheco, 2023) aponta que o humor e as emoções são as mais afetadas pela mídia de entretenimento, sendo a identificação com os personagens um dos maiores motivos para essa resposta emocional à ficção, porque, nesse processo, a pessoa se coloca no lugar da personagem e, assim, “divide” uma emoção. Cohen (2001, *apud* Raissa Moraes e Pacheco, 2023) sugeriu que a empatia é um grande componente para ter essa identificação, dessa forma, o telespectador fica mais sujeito a receber as mensagens transmitidas pelas mídias.

Nesse sentido, Russell, Norman e Heckler (2004, *apud* Moraes; Pacheco, 2023) destacam a existência de conexões estabelecidas entre pessoas e séries de televisão: algumas

pessoas chegam a falar que determinadas séries são “delas”, por representar aspectos de suas vidas; outras conexões sobre como determinados personagens parecem representar aspectos pessoais semelhantes a elas mesmas ou a pessoas que elas conhecem; ou ainda contribuir na conexão entre pessoas que assistem a mesma série.

Outro aspecto crucial é a dinâmica de relacionamento entre os personagens. Eles precisam ter química, se envolverem em conflitos e estabelecerem alianças que mantenham o arco narrativo da série. A criação de um personagem não deve ser pensada de maneira isolada, seus amigos, rivais e seu relacionamento com a família deve ser ligado aos outros do elenco. Para Mittel, era fundamental que os personagens combinados em uma série fossem “pessoas que você convidaria para sua casa toda semana” (Mittel, 2025, p. 74, *apud* Castellano; Meimaridis, 2018, p. 2).

Essa busca constante pela identificação com personagens de séries e filmes é um comportamento frequente no corpo social. Isso pode acontecer por várias razões, uma delas é a empatia, principalmente pelas séries, normalmente por retratarem experiências corriqueiras em contextos extremamente próximos da realidade. Outro motivo é o escapismo, as pessoas escolhem séries ou filmes como uma forma de escapar da realidade e, ao se identificarem com os personagens, se permitem viver experiências diferentes do convencional.

Essa necessidade de se identificar nos permite compreender a relação entre arte e vida, em que se mostra de forma multifacetada e fundamental para expressão emocional, inspiração, motivação, transformação e construção de senso de comunidade. Oscar Wilde afirma em sua obra “A decisão de Morte” que “a vida imita a arte mais do que a arte imita a vida”, ressaltando que a arte e a vida estão intrinsecamente ligadas, influenciando-se mutuamente e moldando nossa compreensão de mundo.

Com o objetivo de compreender como os personagens conquistam a “simpatia” dos espectadores, Murray Smith (1995) propôs um sistema de engajamento denominado “Estrutura da Simpatia”. Para ele, a estrutura se divide em três níveis: reconhecimento, alinhamento e aliança. Cronologicamente, primeiro o espectador reconhece o personagem central à narrativa, em seguida, se alinha a ele através da exposição a inúmeras informações sobre sua vida. Nesse momento, o público toma conhecimento das ações e motivações, tendo acesso aos seus pensamentos. Por fim, o espectador estabelece uma aliança com o personagem, reconhecendo suas visões morais e ideológicas.

Com relação a construção dos personagens, é necessário destacar que o processo não é o mesmo para homens e mulheres. Uma das principais diferenças é o contexto social e cultural que a mulher está inserida. Historicamente, em séries e filmes, as personagens

femininas enfrentaram estereótipos e por terem suas personalidades reduzidas às atividades do lar. Além disso, as experiências vividas por mulheres na sociedade, como desigualdade de gênero, violência e submissão ao casamento, também moldam a forma com que uma personagem é construída.

Nesse sentido, enquanto os personagens masculinos são definidos por suas ações, conquistas e atos heróicos, personagens femininas são exploradas através de suas relações interpessoais, seja na família, com suas amigas ou no trabalho. Muitas vezes, as relações femininas, como amizades, são peças-chave na narrativa ao explorarem dinâmicas de solidariedade, rivalidades ou serem uma forma das personagens evoluírem a partir de suas interações. E os temas abordados nos diálogos geralmente envolvem tópicos femininos comuns e corriqueiros, como maternidade, carreira, sexualidade e identidade são trabalhados com o objetivo de apresentar ao público, a diversidade de experiências femininas, destacando que nem sempre as experiências são universais, cada uma tem a sua peculiaridade.

Para Hall (2001, *apud* Moraes e Pacheco, 2023), a relação dos produtos midiáticos nos espectadores tem base em dois processos, a codificação e a decodificação. Para ele, codificação é o processo pelo qual os criadores do produto colocam, intencionalmente ou não, um significado; e decodificação é o processo pelo qual os consumidores dessas mídias passam quando interpretam esse significado. Salienta-se que nem sempre os decodificadores atribuem o mesmo significado ao produto; assim, pode-se notar que o dar significado a uma mídia é algo exatamente pessoal, que se baseia muito no histórico de vida dessa pessoa (Hall, 2001, *apud* Moraes; Pacheco, 2023).

Dessa forma, os produtos midiáticos podem afetar a maneira como as pessoas se enxergam e desenvolver inseguranças em relação à sua própria identidade. A exposição de padrões de corpos, cabelos e estilo impacta significativamente na auto estima, principalmente das mulheres, e na auto aceitação, fazendo com que não se sintam validadas e representadas. Assim, pessoas que não se veem representadas em filmes ou séries podem sentir que suas experiências não são válidas e começam a se pressionar para alcançar padrões de beleza ou sucesso vistos na mídia, podendo acarretar problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão.

Além da frequente exposição de corpos padrão e belezas irrealistas através de personagens femininas em séries e filmes, a comparação social se estende para além das telas, se tornando presente em brinquedos, em publicidades e em postagens nas redes sociais. A pressão para ter uma vida perfeita é grande nas mulheres, uma vez que ocupam múltiplas

funções no cotidiano e se comparam constantemente com o que consomem, ignorando a multiplicidade de realidades.

Nesse contexto, atualmente, a mídia tem se preocupado em criar personagens femininas fortes, complexas e com uma variedade de belezas, etnias e classes. Entendendo seu papel de empoderamento, a mídia pode se afastar dos estigmas de tratar as mulheres de maneira objetificada e sexualizada e se aproximar de narrativas de apoio às mulheres. A ponderação desses efeitos negativos é fundamental para promover uma representação mais justa e positiva, além de incentivar um consumo crítico e saudável dos produtos midiáticos.

A construção de uma personagem e o impacto dela no telespectador não se prende ao cinema e, para garantir que isso aconteça, adotam-se algumas estratégias. Uma delas é a narrativa em primeira pessoa ou a centralização de episódios na perspectiva feminina, o que permite que o público enxergue o mundo através dos olhos das personagens. Esse tipo de narrativa permite maior imersão no enredo, a criação de uma experiência mais envolvente, construção de uma intimidade emocional e tensão emocional, aspectos fundamentais para “prender” o espectador no enredo.

A série *Gossip Girl* se utiliza da mesma técnica. Ao utilizar a narrativa em primeira pessoa para a construção da personagem “Garota do Blog”, a história é filtrada e contada através da sua visão enquanto narradora da série, ao mesmo tempo em que não é identificada, criando uma atmosfera de mistério e parcialidade, levando os espectadores a questionarem a verdade e a confiabilidade do que estão vendo. Além disso, com a “Garota do Blog” sendo não identificável e em primeira pessoa, permite que o espectador reflita sobre suas próprias experiências e emoções, tornando a história mais ressonante.

Para que essa imparcialidade funcione e que a perspectiva de que a “Garota do Blog” fosse uma mulher, tanto para o espectador quanto para atmosfera da série, foi necessário observar como as personagens da série foram construídas, para que esse detalhe passasse despercebido. Com isso, as personagens femininas foram construídas com base em vários aspectos e refletem tanto as complexidades da adolescência quanto os excessos da alta sociedade de Nova Iorque. As personagens principais representam arquétipos comuns das produções adolescentes, como a “garota popular”, a “esquisita” e a “patricinha metida”.

Os arquétipos são ferramentas fundamentais na construção de personagens em séries, visto que ajudam a criar figuras reconhecíveis e que ressoam o público. Eles são caracterizados por serem modelos ou padrões originais que servem como referência para objetos, ideias ou comportamentos. No contexto da psicologia, especialmente nas teorias de Carl Jung (1978), arquétipos são imagens e temas universais que aparecem em mitos ou obras

de arte, representando experiências humanas essenciais, como o arquétipo do herói, da mãe, do sábio e do amante, que auxiliam a entender como as pessoas percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Com o entendimento dos arquétipos tradicionais, é possível adaptarmos para diferentes contextos.

Blair Waldorf representa o arquétipo da “patricinha metida” e rainha da alta sociedade, combinando sua personalidade ambiciosa e manipuladora, com a vulnerabilidade de uma menina. Ela é uma líder natural que, muitas vezes, controla as dinâmicas do seu ciclo social e apesar de transmitir confiança, Blair enfrenta inseguranças profundas, especialmente em relação a seu valor e aceitação. Além disso, o arquétipo de amiga leal também está presente na personagem demonstrando proteção em suas interações, embora isso possa ser complicado por rivalidades e ciúmes. Em relação aos seus relacionamentos amorosos, Chuck Bass foi central na narrativa para o desenvolvimento da personagem, com a dinâmica de amor, traições e reconciliações, reflete o arquétipo do romance intenso e complicado.

Já Serena van der Woodsen, espelha o arquétipo de “garota perfeita e popular” que aparenta ter tudo, mas que enfrenta seus desafios, como segurança e o peso das expectativas da sociedade. Combinando características de liberdade, beleza e complexidade emocional, Serena se consolida como uma personagem repleta de dualidades. A personagem representa a ideia de liberdade e independência, desafiando as normas sociais e os padrões impostos a ela. Além disso, ao mesmo tempo em que é admirada, é julgada, sofrendo pressões inclusive da sua família.

Jenny Humphrey, irmã mais nova de Dan, elucida um arquétipo que combina elementos de ambição, rebeldia e busca por identidade. Jenny traz para a série a rebeldia típica da adolescência, principalmente, por meio das suas tentativas de se afirmar e desafiar a autoridade, seja através da moda, das amizades ou até mesmo das suas decisões pessoais. Durante a primeira temporada, a personagem se mostra como uma “inocente”, uma jovem do Brooklyn que busca ser inserida no mundo da alta sociedade de Manhattan e acaba enfrentando conflitos de identidade para se encaixar no mundo luxuoso de Blair e Serena. Porém, apesar da sua ousadia, Jenny enfrenta inseguranças e vulnerabilidades, especialmente em relação a sua posição social e aos relacionamentos, o que a torna uma personagem com a qual os espectadores possam se identificar.

A idealização e construção da “Garota do Blog” também pode ser analisada através de arquétipos. A elaboração da personagem, mesmo que fictícia e oculta, reúne várias características que refletem o seu papel como narradora e a influência que exerce sobre os personagens. Um dos arquétipos presentes é o do observador, uma vez que a *Gossip Girl* é

uma figura que observa e comenta a vida da elite de Manhattan, reforçando o papel da personagem de narradora onisciente. Além disso, tem o arquétipo do manipulador, isso porque utiliza as informações que coleta para influenciar eventos da série, criando drama e conflito, exercendo controle sobre os personagens. Com isso, permite que o arquétipo do “catalisador” se torne presente, pois suas revelações frequentemente impulsionam a trama, levando os personagens a confrontar suas verdades e tomar decisões enviesadas. A “Garota do Blog” é uma representação da sociedade nova-iorquina, refletindo as dinâmicas sociais e as relações de poder entre os personagens, mostrando como as aparências podem ser enganosas.

A mulher fofoqueira na série também representa um arquétipo específico, o de *Trickster*. De acordo com a psicologia junguiana, esse arquétipo exprime um elemento desestabilizador e que geralmente é associado com personagens que são comunicativos, perspicazes e muitas das vezes, provocadores. Essa representação possui quatro pilares que refletem nas personagens da série, uma delas é a curiosidade excessiva, pois a fofoqueira em sua essência, tem ânsia em saber o que está acontecendo ao seu redor. A comunicação também é uma característica marcante, uma vez que é capaz de contar e espalhar histórias com um tom sarcástico e provocativo.

A fofoqueira em *Gossip Girl* funciona, muitas vezes, como uma ponte social, sendo capaz de conectar pessoas através das informações que compartilha. Na série isso acontece, principalmente, quando os boatos envolvem “vilões” comuns, em que os personagens mesmo não se gostando, se unem para desestabilizar esse antagonista. A ambivalência moral da fofoqueira também é essencial para a dinâmica dos personagens, já que o que a Garota do Blog compartilha pode ser tanto divertido quanto prejudicial, dependendo de suas intenções, que podem ser positivas ou negativas.

Durante a série, a figura da mulher fofoqueira é representada de forma marcante, com diversas características que a tornam protagonista da série. A fofoqueira em *Gossip Girl* costuma ter um senso de humor peculiar, em que utiliza sarcasmo e ironia para comentar os fatos, o que a torna espirituosa e envolvente. Ela está sempre atenta aos detalhes e os cochichos ao seu redor, captando informações que podem ser utilizadas em momentos oportunos contra algo ou alguém. Normalmente, exibe uma atitude confiante, já que ter acesso a informações valiosas a colocam em uma posição de poder social. Além disso, o olhar atento e a habilidade em conectar os pontos de um relato é fundamental para o seu papel de informante.

Nesse sentido, a mulher fofoqueira, representada por várias personagens como Blair, Serena e Jenny, se utilizam da figura da garota do blog de maneira estratégica para alcançar

seus objetivos, o que é essencial para construir a notoriedade e relevância do blog para a série. Ao alimentarem a garota do blog com informações, as mulheres fofoqueiras conseguem moldar a maneira como os eventos e os outros personagens são percebidos, controlando a narrativa de acordo com as suas aspirações. Como o sujeito da garota do blog é oculto durante os episódios, as fofoqueiras a utilizam como escudo, agindo de forma indireta e evitando serem responsabilizadas por suas ações, o que mantém suas imagens intactas perante a sociedade.

Dessa forma, a construção da reputação de credibilidade da “Garota do Blog” também é uma forma das personagens exercerem poder social. Isso ocorre porque ao estarem ligadas intimamente à fonte de fofocas, elas conseguem aumentar seu status e influência e se tornam figuras importantes dentro dos grupos. Para além de vazarem fofocas ou segredos, também utilizam essa ferramenta para criar laços com aqueles personagens considerados estratégicos em um determinado contexto, ganhando aliados e solidificando sua reputação.

A mulher fofoqueira é essencial para a criação das dinâmicas sociais e para firmar a sua relevância na série. Através de comportamentos, estilo e características próprias, a série *Gossip Girl* busca dar vida a uma personagem virtual e fictícia, que tivesse semelhança com as personagens principais. Nesse sentido, mostra-se essencial detalhar a forma com que essas relações são feitas por meio dos elementos que permeiam a série.

3.3. Elementos imagéticos e narrativos na série

Para compreender o ambiente que a série cria com a combinação dos personagens e enredo, é necessário aprofundamento nos elementos imagéticos e narrativos que constituem a produção audiovisual. Os elementos imagéticos são componentes visuais de uma obra, incluindo as cores, formas, linhas, texturas, composições, símbolos e ícones que transmitem significados, fundamentais para a comunicação visual, pois influenciam a percepção e a interpretação do espectador. Em *Gossip Girl*, os elementos imagéticos desempenham um papel crucial na construção da narrativa e na criação da identidade visual do seriado.

Um desses elementos é o estilo visual, uma vez que a série é conhecida por sua estética de moda sofisticada em que os personagens, especialmente Blair e Serena, estão frequentemente vestidos com roupas de grife como Chanel, Marc Jacobs, Prada e Christian Dior, reafirmando seus status social. Em muitas cenas, Blair Waldorf é vista em vestidos elaborados e de alta costura, com cortes clássicos e detalhes luxuosos, e isso não só define a

essência de sua personagem, como a posiciona de forma contrastante com as outras, como Serena, que apesar de ser rica também, tem um estilo mais casual e frequentemente utiliza calças jeans e botas de cano alto.

Os cenários também são primordiais para contextualizar o espectador, ressaltando o acesso dos personagens a uma cultura elitista. Durante a série, são mostrados inúmeros locais icônicos de Nova Iorque, como as escadarias do Metropolitan Museum of Art, onde Blair e as amigas costumavam almoçar, o Empire Hotel, hotel do pai de Chuck e local de diversos eventos da série e o Grand Central Terminal, uma estação de trem em que marca a volta da Serena para o Upper East Side e o começo da série. Os cenários foram escolhidos para enfatizar o estilo de vida dos personagens e refletir a classe social de uma elite jovem, com um enfoque no urbano principalmente para gerar a sensação de jovialidade e associar a cidade ao público jovem por ter dinamismo e vida noturna.

Com a tamanha repercussão, a cidade de Nova Iorque recebeu e continua recebendo muitos turistas para visitar as principais locações de gravação, ganhando inclusive um dia dedicado à série. O ex-prefeito de Nova Iorque Michael Bloomberg, que ficou no poder de 2002 a 2014, intitulou o “Dia *Gossip Girl*” para comemorar o 100º aniversário da cidade, justamente por admirar a forma com que a série mostra a essência nova-iorquina.

Para refletir esse aspecto, a composição de cenas foi pensada estrategicamente para enfatizar a dinâmica entre os personagens nos ambientes, como descrito no livro “As delícias da Fofoca” (2005), livro que dá origem a série. O uso de diversos ângulos de câmera, iluminação e o uso de espaços que o público reconhece com o passar dos episódios são usados para auxiliar na narrativa visual, assim como os simbolismos. Um exemplo disso é uma cena em que Blair e Serena têm uma discussão e a câmera estava posicionada em um ângulo mais baixo, fazendo com que uma delas pareça mais dominante, enquanto a outra aparece menor e mais vulnerável. Esse jogo de câmera foi usado para dar dinâmica de poder entre elas e também para enviesar o público a ficar de um lado da situação.

Os acessórios e detalhes em roupas dos personagens, como o cachecol de Chuck Bass, muito marcante na primeira temporada e o uso de tiaras por Blair que simboliza seu desejo de ser “rainha” em seu grupo social são utilizados para irem muito além da beleza e da aparência. A bolsa “Birkin” de Blair, por exemplo, objeto de desejo entre todas as meninas da escola, simboliza o desejo de status, tornando a bolsa um objeto de reforço de poder e influência.

As texturas também são símbolos importantes para a criação de cenas, principalmente as internas, em que o ambiente é preparado e controlado pela produção da série. Durante as gravações, os interiores da casa de Blair, por exemplo, eram marcados por uma decoração

clássica, com a presença de móveis elegantes e obras de arte, criando uma sensação tátil de um ambiente acolhedor, mas também opulento. Já o loft de Dan e Jenny Humphrey possuía um estilo industrial, com paredes de tijolos expostos, janelas grandes, uma cozinha aberta e móveis menores e funcionais, refletindo sua condição social.

Um exemplo de narrativa visual, que combina todos os elementos apresentados é o episódio 6 da primeira temporada, intitulado de *“The Handmaiden 's Tale”* em que retrata os personagens em um baile de máscaras. O baile é realizado em um local luxuoso, decorado com luzes brilhantes e paleta de cores vibrantes que ajuda a intensificar o clima de festa, mas também cria um contraste com a tensão emocional entre os personagens. Durante as cenas do baile, as câmeras alteram em diversos ângulos e close-ups que focam nas expressões faciais dos personagens, principalmente por estarem mascarados. A coreografia dos personagens na pista de dança dá movimento e dinâmica para a cena, especialmente quando Blair e Serena dançam juntas, à medida que a música e a energia aumentavam, a tensão também se intensificava, oscilando entre amizade e rivalidade. A iluminação do salão suave e cintilante enfraquece quando as vulnerabilidades dos personagens começam a ser reveladas, tornando o ambiente mais emocional. De acordo com o livro *“As delícias da Fofoca”* (2005), todos os elementos imagéticos desse episódio foram pensados para revelar um lado oculto dos personagens, desde a trilha sonora até o posicionamento das máscaras.

Uma produção audiovisual não consegue ser concluída sem os elementos narrativos, que vão servir de base para a elaboração dos componentes visuais. Os elementos narrativos vão ajudar a definir os temas abordados durante a narrativa. São eles: enredo, personagens, ambiente, conflito, tema, ponto de vista, tom e estilo e estrutura, componentes que interconectam para criar uma experiência coesa e envolvente, permitindo que o público se conecte emocionalmente com a história. É importante apontar que alguns dos elementos imagéticos se interconectam com os narrativos, como é o caso do ambiente.

Um desses elementos é a forte presença do narrador onisciente, uma vez que “a garota do blog” não apenas relata eventos, mas também comenta e fornece insights para os personagens. Essa voz onisciente conecta o público com os segredos revelados e permite que o telespectador interprete as informações a partir da sua perspectiva, enviesando a opinião de quem assiste a série e estabelecendo uma relação de proximidade com os personagens. A vinheta de abertura da série ressalta esse tom oculto e de mistério, que diz: “Onde ela estava? E quem sou eu? Esse segredo eu não conto para ninguém. Vocês sabem que me adoram. Beijinhos, a Garota do Blog”.

A presença dessa voz no início e no final dos episódios, também reforça seus papéis na narrativa, sendo um deles a função de introdução e contextualização, fornecendo um resumo rápido para o espectador e realizando suas provocações pessoais. Uma das formas de reafirmar esse seu papel é através da contextualização, em que aproveita para fazer um resumo dos eventos ocorridos no episódio anterior e comenta sob a sua perspectiva. Uma das suas marcas para isso é iniciar os episódios se dirigindo à realidade dos próprios personagens recapitulando as fofocas do dia anterior por meio de um bordão próprio: “Oi Upper East Siders, Garota do Blog aqui, sua primeira e única fonte por dentro da vida da elite escandalosa de Manhattan”.

A sensação de suspense também é um dos seus papéis como narradora. As mensagens da garota do blog, muitas vezes, criam um senso de antecipação. Ao revelar um segredo ou provocar um evento futuro, ela instiga a curiosidade do público e incentiva os espectadores a ficarem atentos às reviravoltas da trama. Para atingir esse objetivo, utiliza algumas estratégias, e uma delas é o uso de perguntas retóricas. Um exemplo é o episódio 13 da primeira temporada em que ela utiliza a expressão “Um bom escândalo merece outro. Estão pensando em quem será o próximo?”.

Outro recurso que utiliza são as afirmações provocativas, uma vez que faz muitas inferências durante a série. As frases que sugerem segredos e revelações iminentes acabam criando um clima de expectativa, exemplos disso são “Você acha que conhece todos os segredos?” ou “Nada é o que parece”, fazendo inclusive referência a eventos futuros, preparando os espectadores para os conflitos que virão no episódio. Além das expressões de linguagem, muda frequentemente o tom, alternando entre um tom leve e descontraído e um tom mais sombrio, sinalizando momentos de tensão e de revelações dramáticas.

Dentre os elementos narrativos, os conflitos são fundamentais para prender a atenção do espectador. A rivalidade e amizade entre Serena e Blair estão no centro da narrativa, sendo um relacionamento repleto de ciúmes, traições e lealdades, o que reflete a complexidade da amizade entre duas adolescentes, oscilando entre altos e baixos, especialmente por enfrentarem a transição da fase da adolescência para a fase adulta. A série também explora muito a dualidade de identidade e aceitação, principalmente com Dan e Jenny Humphrey, que lutam durante toda a série pela aceitação em um mundo em que não fazem parte e que constantemente precisam ser lembrados dos seus valores pessoais para firmarem sua essência.

No entanto, temas como validação e a constante busca e por segredos e revelações são trabalhados em todos os 18 episódios da primeira temporada. A pressão para se encaixar e ser

aceito socialmente não é uma problemática exclusiva dos irmãos Humphrey. Serena e Nate também enfrentam pressões diversas sobre suas imagens, inclusive de suas próprias famílias. E a ideia de que todos têm algo a esconder alimenta o desenrolar da narrativa, uma vez que as revelações feitas pela garota do blog não apenas afetam o relacionamento entre os personagens como também ressaltam como a vida da elite de Manhattan é marcada pelas aparências e pelo status.

Em relação à estrutura, a primeira temporada é singular, pois apresenta uma organização em que cada episódio é autônomo e aborda novos conflitos e revelações, ao mesmo tempo em que desenvolve arcos longos de personagens. Esse tipo de narrativa episódica, principalmente, nas primeiras temporadas de uma série, cria uma sensação de continuidade e evolução, com cada episódio sendo construído buscando alimentar a narrativa do anterior, fundamental para o dinamismo das próximas temporadas, como é o caso de *Gossip Girl*, que possui 6 temporadas.

O desenvolvimento da temporada é marcado por *Cliffhangers*, isto é, técnicas usadas em livros, filmes ou séries para criar suspense e manter o público ansioso para o episódio seguinte. Em *Gossip Girl*, muitos episódios terminam com reviravoltas ou até mesmo uma revelação da garota do blog que levam a conflitos que serão resolvidos no outro episódio, mantendo assim a narrativa conectada por temas como ciúmes, traições e alianças entre os personagens.

A forma como a garota do blog cria uma relação de intimidade e pertencimento com os personagens também é um destaque narrativo na primeira temporada. O uso de apelido para Blair e Serena, B e S, por exemplo, é uma estratégia de ressaltar sua proximidade. Com uma linguagem jovem e irônica ela se comunica diretamente com o seu público-alvo, jovens da elite do Upper East Side, se posicionando de forma clara em quem busca captar atenção “Um site sobre o Upper East Side para o Upper East Side e feito no Upper East Side”.

Uma das ferramentas centrais da narrativa são as revelações, realizadas por meio de fofocas, com marcas de expressão singulares, porém sem padrões específicos. Um dos padrões de linguagem é o uso de “flagrada” antes de todas as exposições combinando com uma expressão que sugere novidade. Um exemplo disso acontece no episódio 8, em que o relacionamento de Blair e Nate é questionado: “Flagrados - Essa acabou de chegar: Nate Archibald colocando uma garota no táxi após a meia noite, e só o que sabemos sobre ela é que não era Blair Waldorf”.

Nesse sentido, é possível pontuarmos que as fofocas são diferentes dependendo do foco, com abordagens diferentes para as meninas e os meninos, refletindo dinâmicas sociais e

estereótipos de gênero. As fofocas sobre as meninas da série geralmente giram em torno de suas vidas amorosas, traições e rivalidades, enquanto os meninos se concentram mais no status social e suas conquistas. Isso ocorre porque, principalmente, durante a primeira temporada as meninas são julgadas de forma mais severa por suas ações românticas, enquanto os meninos são inocentados por não terem ainda maturidade suficiente para alcançar as expectativas do relacionamento.

Além disso, quando o foco da fofoca são as meninas refletem inseguranças e lutas internas, com provocações mais intensas. No episódio 13, no episódio disponível pela *Netflix*, Blair tem sua vida sexual exposta na escola: “Parece que a rainha virgem não é tão puritana quanto parece. Quem é o pai, B? Pai do seu bebê? Transou com dois em uma semana? Isso que é botar pra quebrar.” Dessa forma, as personagens acabam enfrentando questionamentos em relação a sua posição social e a sua moralidade que acarretam danos em suas reputações e amizades.

Para além de um mecanismo narrativo, a construção da mulher fofqueira na série é essencial. A figura da fofqueira ilustra como a informação pode ser uma forma de poder e como ela influencia as relações sociais, mostrando como a reputação pode ser construída ou destruída por meio das fofocas. A partir da combinação dos elementos imagéticos e narrativos, a “garota do blog” se constitui como uma personagem, inicialmente fictícia, para uma multifacetada, através da compreensão da mulher fofqueira presente em Nova Iorque.

4. A Fofoca enquanto cultura

Neste capítulo, abordarei a fofoca como elemento cultural na série, utilizando a metodologia de cultura e representação de Stuart Hall, para analisar como um hábito se consolida em um mecanismo cultural. Sob essa perspectiva, explorarei a relação dos personagens com as fofocas das quais são alvos ou consumidores em seu cotidiano, destacando como essa dinâmica contribui para a construção de noções de pertencimento e status social.

4.1. A cultura de fofocar em *Gossip Girl*

A cultura é um fenômeno complexo que envolve valores e normas que guiam o comportamento de uma sociedade. Os valores podem ser definidos como ideais ou princípios que uma sociedade defende, como igualdade e liberdade, enquanto normas são caracterizadas como regras de comportamento que devem ser seguidas para a manutenção da ordem social, definidas por uma sociedade ou um grupo. Os valores e normas de uma sociedade não são estáticos, isto é, podem sofrer mudanças com o passar do tempo, especialmente com a interação com diferentes culturas e com as transformações políticas e socioeconômicas.

A transmissão desses valores, normas e até mesmo ritos é expressa através de símbolos, incluindo a linguagem, que é uma das principais maneiras de transmissão cultural. De acordo com Stuart Hall (2016, p. 18), em “Cultura e Representação”, a linguagem é “um meio privilegiado pelo qual damos sentido às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado.” Nesse sentido, a linguagem é fundamental para a construção e compartilhamento de significados.

A utilização da linguagem por um grupo se mostra essencial e esse processo se dá a partir da representação. De acordo com Hall (2016, p. 15), a representação significa “utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas”. Dessa forma, podemos inferir que a representação nada mais é que a produção de sentido pela linguagem, que posteriormente irá compartilhar e transmitir significados.

A cultura, para Hall (2016), pode ser definida a partir do compartilhamento de significados por um grupo. Dessa forma, “a consolidação de uma cultura depende de que seus participantes interpretem o que acontece ao seu redor e deem sentido às coisas de forma

semelhante” (Hall, 2016, p. 22). A partir disso, a cultura é capaz de fornecer um sentido de identidade e pertencimento, uma vez que são os participantes de uma cultura que dão sentido a grupos, objetos e acontecimentos (Hall, 2016).

Para Saussure, de acordo com Jonathan Culler (1976, p.19), a produção dos sentidos, inclusive os de identidade e pertencimento, depende da linguagem, uma vez que a enxerga como um sistema de sinais. “A linguagem é um sistema de sinais: sons, imagens, palavras escritas, pinturas e fotografias funcionam como signos dentro da linguagem. [...] Para comunicá-las, elas devem ser parte de um sistema de convenções” (1916, *apud* Jonathan Culler, 1976).

À vista disso, a linguagem para Saussure, é, portanto, um fenômeno social. Isso porque ela não pode ser uma questão individual, uma vez que não é possível confabular normas de linguagem individualmente, unicamente para nós mesmos, para ser definida como tal, precisa compartilhar significados para que assim seja possível a criação de convenções sociais. “Sua fonte reside na sociedade, na cultura, nos nossos códigos compartilhados, no sistema de linguagem - não na natureza ou no sujeito individual” (Saussure, 1916).

Sob o viés antropológico, um dos aspectos centrais do conceito de cultura é o aspecto coletivo e compartilhado. A cultura é uma construção coletiva, ela é aprendida e passada de geração em geração, principalmente através da socialização, não se caracterizando como um processo inato ao ser humano. Os antropólogos enfatizam que os seres humanos não nascem com uma cultura, mas a adquirem conforme se desenvolvem em uma sociedade.

Ainda sob as lentes antropologia, um dos princípios fundamentais para a compreensão da cultura é o relativismo cultural. Esse conceito, desenvolvido pelo antropólogo Franz Boas (1896, *apud* Pereira, 2011), se baseia na premissa de que se deve entender uma cultura em seus próprios termos e contextos e não julgar outras culturas com base nos valores ou padrões de suas próprias culturas, defendendo que cada uma tem suas particularidades. Para Boas (1896, *apud* Pereira, 2011), para entender uma cultura, é essencial estudar seu contexto histórico e geográfico específico, uma vez que cada uma é resultado de um processo único de desenvolvimento, abordagem que chamou de “particularismo histórico”.

Além disso, argumentou que não existiria, sob nenhuma hipótese, “hierarquia” entre culturas, defendendo a pluralidade cultural, em que cada uma delas é digna pelo seu próprio valor. Boas (1896), nesse sentido, rejeitou o conceito de evolucionismo cultural, que considerava algumas culturas como “primitivas” ou “inferiores” e outras como mais “avançadas” e “civilizadas”, justamente por serem classificadas dessa forma de acordo com a perspectiva de suas culturas, excluindo as particularidades e contextos de cada uma.

Assim, para a Antropologia Cultural Simbólica, cultura é mais que um conjunto de práticas ou costumes, se caracteriza como um "sistema de significados" que define como as pessoas compreendem o mundo e interagem nele. Com uma visão holística, essa área do conhecimento considera que todos os aspectos da vida de um grupo, como religião, política, linguagem e família estão interligados e se influenciam mutuamente. A cultura na antropologia é uma “lente” pela qual enxergamos e interpretamos ao nosso redor, estando em constante transformação seja pelos indivíduos, seja pelo contexto.

Nesse sentido, a fofoca pode ser considerada um fenômeno cultural, uma vez que é parte do comportamento humano em praticamente todas as sociedades. É preciso reconhecer que o ato de fofocar é muito além de “espalhar rumores” e fazer comentários sobre a vida alheia, ela é capaz de fortalecer laços entre os grupos, estabelecer normas sociais e até mesmo criar identidades coletivas. De acordo com o antropólogo britânico Robin Dunbar (1996), em *Grooming, Gossip, and the Evolution of Language*, a fofoca é uma parte integrante das interações humanas que ajuda a criar vínculos e fortalecer as relações em um grupo. Em muitas culturas, as conversas sobre as outras pessoas são uma forma de compartilhar valores, estabelecer o que é socialmente aceitável e reforçar laços de afinidade.

Apesar do aspecto negativo associado à fofoca, ela se mostrou presente desde as primeiras manifestações de sociedade. Ao longo do tempo, essa prática se constituiu em algo cultural por ser uma peça fundamental para a evolução humana, auxiliando grupos a se organizarem e a sobreviverem. Ao se consolidar como uma das formas de comunicação interpessoal, esse fenômeno atravessou gerações, embora, para muitos, seja considerado um hábito trivial.

Dessa forma, ao perdurar gerações e se tornar algo cultural, a fofoca se tornou presente em produtos midiáticos. Na série *Gossip Girl*, por exemplo, a cultura de fofocar é um aspecto central na trama e se manifesta de diversas formas, mostrando como esse hábito pode influenciar comportamentos, relacionamentos e até mesmo a identidade dos personagens. Além de ser representada como algo irresistível, comum e essencial para a vivência em sociedade, é considerada quase uma instituição social para a elite nova-iorquina. Durante os episódios, a fofoca não é uma prática isolada, mas sim o centro da vida social de jovens da elite de Manhattan, ao ponto de ser institucionalizada através da “Garota do Blog”, um blog acessado compulsivamente pelos personagens.

Uma das formas que a cultura de fofocar é representada na série é o blog. A “*Gossip Girl*”, serve como um canal de transmissão de informações entre os jovens, em que transforma a fofoca em algo sistemático e constante, reforçando como uma prática que não é

pessoal e sim comunitária e compartilhada em um grupo. Além de mostrar a relação de dependência entre os personagens e os escândalos publicados no blog, ressalta esse hábito dentro do dia a dia da série e coloca a fofoca como uma fonte de entretenimento e validação social.

A vigilância constante da “Garota do Blog” é capaz de colocar os personagens sob pressão, fazendo com que qualquer deslize pessoal ou até mesmo segredo esteja sujeito a ser exposto a qualquer momento. Durante a série, a fofoca tem o poder de construir ou destruir reputações em segundos, justamente por ser reconhecida como um fenômeno social. Essa cultura faz com que pequenas informações se transformem em escândalos, e que humilhações públicas se transformem em prestígio dependendo do teor dos rumores.

A perpetuação desse comportamento faz com que a manipulação se manifeste através da fofoca. Os personagens de *Gossip Girl*, frequentemente, tentam manipular ou criar fofocas com o objetivo de influenciar a opinião pública, controlar a narrativa de um fato, manter ou ganhar poder social. Eles utilizam a fofoca para sabotar rivais, desviar a atenção dos seus próprios erros e manipular quem está ao seu redor. Nesse caso, a fofoca é apresentada como uma ferramenta cultural estratégica, que pode ser utilizada para atingir objetivos e interesses, desde que seja interpretada dentro de um contexto comum.

Para além da manipulação, a série reforça a fofoca como um meio de pertencimento ou exclusão social. No ambiente da série, a participação na cultura da fofoca, enviando ou lendo o que a Garota do Blog publica, é quase obrigatória, uma vez que ao ignorá-la ou não se adequar às suas exigências e pressões, pode acabar sendo isolado socialmente. Ser o alvo da fofoca, na produção audiovisual, é parte de pertencer a um grupo e é por isso, que é retratado o relacionamento de amor e ódio com a “*Gossip Girl*”, em que apesar de reclamarem, não conseguem deixar de ser influenciados pelas informações que expõe.

Esse aspecto representa como a fofoca, mesmo quando dolorosa, é vista como um elemento necessário para fazer parte daquela sociedade. Um exemplo disso foi a crise reputacional que a personagem Blair, uma das personagens principais conhecida por sua personalidade intensa e capacidade de manipulação, sofreu no episódio 13, em que ao ser alvo de um escândalo que afirmava que ela estava grávida, cogitou sair de Nova Iorque, por saber que os boatos continuariam sendo parte daquela sociedade. Serena tenta conter o desespero de Blair antes mesmo dela entrar no avião, “não deixe esse escândalo estúpido afetar você como afetou a mim, como afeta a todos nesse mundo, fique e lute” mostrando que a fofoca é parte do lugar e pertencer a ele, exige maturidade.

Tendo isso em vista, a fofoca impacta diretamente na identidade e na confiança dos personagens. Isso porque a forma como os personagens se veem e são vistos pelo grupo é profundamente influenciada pela imagem criada através da fofoca, suas identidades são questionadas e muitas vezes moldadas pelos boatos que protagonizam, gerando uma pressão que afeta a autoestima e a maneira com que lidam com suas próprias inseguranças e desejos. Nesse sentido, a série representa a fofoca que vai além de simples palavras trocadas, moldando e até mesmo distorcendo as identidades dos envolvidos.

Durante a série, a cultura da fofoca não é apenas um mecanismo narrativo, mas sim um recurso de influência presente na cultura. Esse hábito durante os episódios é mostrado como um ditador do ritmo das relações sociais, das decisões e do cotidiano dos personagens, mostrando o poder que a fofoca pode exercer dentro de uma comunidade. *Gossip Girl* transforma a fofoca em uma ferramenta de poder, controle e influência, ao mesmo tempo que exalta a sua função de construção de laços, explorando como esses dois papéis impactam na vida dinâmica social dentro da produção audiovisual.

4.2. A relação dos personagens com a fofoca

Em *Gossip Girl*, a fofoca é um fator que molda a vida de todos os personagens, seja de forma direta ou indireta. É necessário reconhecer que cada personagem lida com a fofoca e é afetado por ela de maneiras diferentes tanto por questões de personalidade, objetivos ou posição social. Ao entrarmos na discussão de gênero, também observamos diferenças com relação ao comportamento e preocupação, uma vez que todos têm um contato muito próximo com a fofoca no cotidiano, porém, a forma com que lidam com ela, é distinta, para alguns ela pode servir como uma arma e, para outros, uma ameaça.

A relação de cada personagem com a fofoca é única e reforça o debate de ser algo cultural na série. Serena van der Woodsen, por exemplo, é frequentemente alvo dos boatos devido à sua popularidade e seu passado conturbado. Embora ela tente manter uma imagem positiva e evitar dramas, seu comportamento e as decisões que toma, muitas vezes, atraem a atenção da *Gossip Girl* por ser muito autêntica e impulsiva. Serena lida com a fofoca entendendo sua dualidade, compreende que pode ser tanto positiva quanto negativa, uma mistura de resignação e resistência. Ao mesmo tempo que tenta ignorar os escândalos, em certas situações confronta a Garota do Blog, para proteger sua privacidade e reputação.

Blair Waldorf tem uma relação mais calculista e estratégica com a fofoca. Como alguém que valoriza muito sua posição social e reputação, Blair está ciente do poder das

fofocas e tenta controlá-las ou usá-las a seu favor sempre que possível. Para ela, um boato pode ser uma oportunidade para manipular situações a seu favor, ao mesmo tempo que teme ser vítima de um escândalo. No entanto, quando as fofocas a afetam diretamente de forma negativa, ela reage de forma intensa e, muitas vezes, vingativa para proteger sua imagem social.

A irmã de Dan, Jenny Humphrey, já tem uma percepção diferente com relação às fofocas e ser alvo delas. No início da temporada, ela enxerga os boatos como uma forma de ganhar destaque e conquistar um lugar no mundo da alta sociedade de Manhattan, sendo uma maneira de ser inserida nos eventos. Com o passar dos episódios, ela entende, a partir de suas próprias experiências, que ser alvo de fofocas tem um preço alto e que estar no centro das atenções, mesmo que de forma positiva, também significa ser criticada e julgada por tudo que fizer. A relação da personagem com a fofoca é através da sua vivência com o lado positivo e negativo dos boatos, tornando-a mais cautelosa e até rebelde com a Garota do Blog.

Simone de Beauvoir (1949), em *O Segundo Sexo*, descreve como a fofoca é um fenômeno que as mulheres precisam enfrentar desde muito cedo. Embora não tenha tratado diretamente sobre o ato de fofocar, sua análise sobre o lugar da mulher na sociedade e a construção de identidades de gênero pode ser aplicada à compreensão da associação entre as trocas e a feminilidade. Nesse cenário, a fofoca pode ser vista como uma ferramenta para subverter, ainda que de forma limitada, as relações de poder tradicionais e seus efeitos precisam ser encarados, principalmente, pela sociedade associar esse fenômeno a uma prática feminina.

Nesse sentido, as mulheres de *Gossip Girl* são tanto vítimas quanto participantes ativas no ciclo de fofocas do Upper East Side. Algumas personagens como Blair e Serena, tentam se apropriar dos escândalos para controlar suas imagens, já Jenny, utiliza para alcançar seus objetivos. Durante a série, a fofoca afeta mulheres de maneiras complexas, servindo como uma prova de que a popularidade tem seu preço e expondo dilemas de ter suas vidas expostas ao público.

Os personagens do sexo masculino também são ativos nos jogos de poder que envolve as fofocas na série, não se isentando de participarem do ciclo de disseminação dos boatos. A série mostra que, embora as mulheres sejam mais frequentemente associadas às tramas de intriga e manipulação, os homens também fomentam a discórdia e utilizam a fofoca para atingirem seus objetivos, ao mesmo tempo em que também precisam lidar com a exposição e as consequências de uma difamação.

Dan Humphrey, personagem vindo do Brooklyn e não pertencente ao mundo da elite, ele despreza, muitas das vezes, a superficialidade e drama gerado pela *Gossip Girl*. Porém é inevitavelmente atraído por esse mundo conforme se envolve amorosamente com Serena, e passa a se preocupar com sua imagem quando afeta seus relacionamentos, suas ambições enquanto escritor e seus valores pessoais. Nesse caso, para se proteger ele também começa a contribuir para o blog e acaba não parando com esse hábito.

Embora tenhamos personagens que se importam e alimentam os boatos, temos os que são mais passivos. Nate Archibald é um deles, que lida com a garota do blog de uma forma mais desapegada, não dando muita importância, embora seja alvo de várias intrigas por conta de sua família e seus relacionamentos amorosos. Todavia, quando a fofoca interfere em questões familiares ou sua própria integridade, ele mostra preocupação e tenta contornar a narrativa.

Chuck Bass, herdeiro e parte da elite de Manhattan, cresceu cercado por intrigas e escândalos, e por isso, enxerga a fofoca como parte inevitável da vida em sociedade. O personagem usa os boatos para atingir seus objetivos e não se deixa abalar facilmente pelos escândalos, a menos que isso afete algo ou alguém que ele valorize. Por ter sido acostumado com esse contexto, ele é apático com relação a garota do blog, entretanto, as fofocas que envolvem seu passado familiar e seus relacionamentos podem afetá-lo de maneira mais profunda.

Dessa forma, a série *Gossip Girl* busca associar a fofoca aos homens de forma a desconstruir a ideia de que esse é um comportamento estritamente feminino, com a finalidade de romper com estereótipos de gênero. Isso porque, tradicionalmente, a fofoca é vista como um comportamento associado a mulheres, ligado a estigmas de superficialidade ou falta de seriedade. Ao incluir homens como agentes ativos na dinâmica da fofoca, a série desconstrói essa visão e demonstra que todos, independentemente do gênero, podem estar envolvidos em comportamentos estratégicos e manipulativos para manter ou elevar seu status.

Além disso, em ambientes de alta exposição e competitividade, como o mundo da elite das famílias mais poderosas de Nova Iorque, a fofoca é uma ferramenta de poder que transcende as barreiras de gênero. Francis Bacon (1957), em *Meditationes Sacrae*, defende que o conhecimento sempre é uma forma de poder que permite o domínio sobre o mundo e sobre as circunstâncias, sendo algo praticado por homens e mulheres. A série tenta capturar essa realidade ao mostrar que homens também se envolvem em rumores e intrigas para influenciar situações, ganhar vantagens ou proteger sua imagem.

Ao incluir os homens na dinâmica da fofoca, a série adiciona profundidade e complexidade aos personagens masculinos. Em vez de serem apenas figuras de poder ou romance, eles também são mostrados como pessoas com falhas, ambições e estratégias para lidar com as pressões sociais. *Gossip Girl*, nesse sentido, adiciona os homens na narrativa da fofoca para refletir uma visão mais realista e menos estereotipada da sociedade, onde tanto homens quanto mulheres são capazes de usar a fofoca como ferramenta social e estratégica.

Além disso, ao fazer com que os personagens masculinos participem de um comportamento comumente visto como feminino, a série promove uma visão mais igualitária dos papéis sociais. Isso desafia as noções tradicionais de masculinidade, mostrando que homens também são movidos por emoções, intrigas e a busca por poder social. O maior exemplo dessa associação é a revelação de que Dan Humphrey, um homem, é a mente por trás do blog de fofocas *Gossip Girl*. Fato que desconstrói a noção de que apenas mulheres estariam por trás da disseminação de segredos e reforça a ideia de que a fofoca é um comportamento humano que transcende gênero.

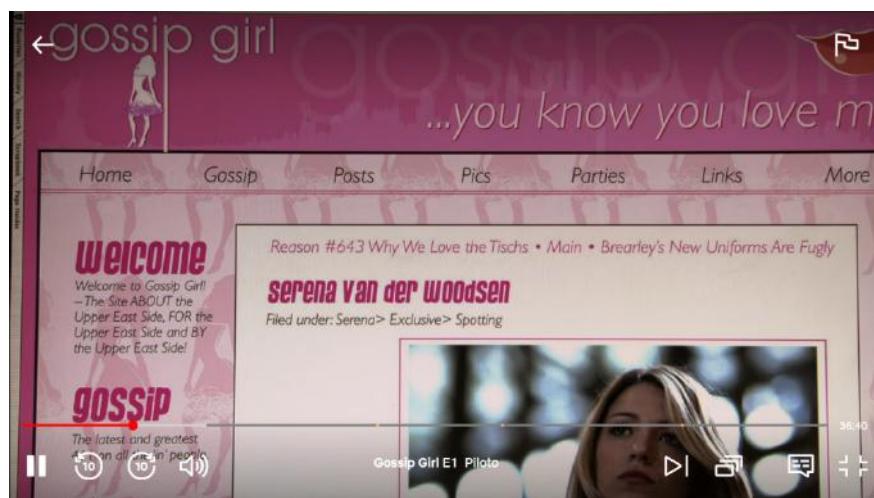
A série busca associar a fofoca a mulheres e homens de forma equilibrada ao retratar a disseminação e o uso de informações como um comportamento que transcende o gênero e faz parte da dinâmica de poder e status em um ambiente elitista. Durante a maior parte da série, a identidade de *Gossip Girl* é desconhecida, permitindo que a figura do blog de fofocas seja vista como uma entidade sem gênero específico, apesar de, pelos estereótipos tenhamos associado a uma figura feminina de maneira inconsciente. Isso reforça a ideia de que a fofoca é um comportamento humano, e não algo associado ao feminino ou ao masculino.

Os efeitos da fofoca também são retratados de maneira equilibrada, mostrando como tanto os homens quanto as mulheres são afetados por ela. Isso inclui escândalos, rompimentos de relacionamentos, quedas de status e crises de identidade, destacando que as consequências da fofoca são vividas por todos, independentemente do gênero. Ademais, a narrativa da série permite que todos trabalhem juntos para criar, manipular ou encobrir fofocas. As alianças e traições entre personagens, que são o cerne do enredo, não são divididas por gênero, mas sim por interesses e circunstâncias, reforçando que o ato de fofocar é uma comum.

Entretanto, mesmo com as tentativas de fazer com que o fenômeno da fofoca seja algo cultural e universal em relação à gênero na série, muitos espectadores instintivamente relacionam a figura da "garota do blog" a uma mulher. O próprio título da série e o layout do blog que aparece no primeiro episódio da série sugerem uma identidade feminina, em que a escolha do nome evoca a imagem de uma mulher jovem que está por dentro dos segredos e

fofocas do círculo social, contribuindo para a suposição inconsciente de que a voz por trás do blog é uma mulher.

Figura 1 - Layout do blog no episódio piloto



Fonte: Netflix

A partir do quinto episódio da série, esse layout do blog muda, principalmente, para evitar a associação de que o blog era exclusivamente feito para meninas. Com um design mais neutro, com tons de preto, dourado e texturas embaçadas, o blog ficou mais atrativo para os personagens masculinos na série. Além disso, à medida com que a série avança, o site se torna uma representação da persona da narradora, refletindo sua natureza intrigante e manipuladora. Nesse caso, de acordo com os produtores da série, um layout mais sofisticado se alinhou melhor com a imagem e tom da série, que envolve moda, riqueza e status, sem qualquer distinção de gênero.

Figura 2 - Layout do blog a partir do quinto episódio



Fonte: Netflix

Outro aspecto que reforça essa inferência ao assistir ao seriado, é o uso da voz que narra as postagens da *Gossip Girl*. A voz feminina, fornecida pela atriz Kristen Bell, ajuda a reforçar a associação cultural da fofoca com o feminino. Como é frequentemente estereotipada como uma atividade mais comum entre mulheres, essa escolha de voz alinha-se com essa percepção social, estabelecendo um tom que se encaixa na narrativa. Dessa maneira, sugere, mesmo que de uma forma implícita, que uma mulher está no comando do blog.

Ainda na tentativa de compreender a associação que a garota do blog era uma mulher, é imprescindível analisar o enredo. Muitos dos temas tratados por *Gossip Girl* como moda, relacionamentos e status social são tradicionalmente, e de forma estereotipada, vistos como de interesse predominantemente feminino. Isso pode levar os espectadores a associarem o blog a uma mulher que teria interesse em expor e controlar esses aspectos da vida social, estando mais envolvida e interessada em disseminar escândalos.

Em resumo, a relação dos personagens com *Gossip Girl* é marcada por uma combinação de vigilância, influência social, manipulação, e a busca por identidade e aceitação. Essa dinâmica cria um ambiente onde a fofoca se torna uma ferramenta poderosa que molda as vidas dos personagens e impulsiona a trama do seriado. Além disso, os personagens, ao longo dos episódios, desenvolvem uma relação de dependência com o blog, fazendo com que o monitoramento do site seja uma prioridade em suas rotinas.

4.3. Fofoca, pertencimento e status social

A fofoca em *Gossip Girl* é capaz de gerar senso de pertencimento entre os personagens, atuando como um elemento unificador e uma moeda social que define quem está

dentro ou fora do círculo social do Upper East Side. Nesse sentido, compartilhar e discutir as fofocas cria laços entre os personagens, estabelecendo uma conexão baseada em segredos e histórias em comum. Além disso, participar da disseminação ou da reação às fofocas faz com que os personagens se sintam parte de um grupo exclusivo, onde todos têm conhecimento privilegiado, reforçando a ideia de que eles pertencem a uma elite onde a informação é poder.

Na série, a troca de informações funciona como um ritual social que os personagens seguem para se manterem relevantes e inseridos no grupo. Falar sobre o que *Gossip Girl* revelou ou estar atualizado sobre os últimos rumores é quase um pré-requisito para fazer parte do mundo social retratado na série. A fofoca se torna um código comum que todos compreendem e com o qual interagem, sendo parte da cultura. Por ser um rito, o hábito de fofocar ajuda a estabelecer e reforçar a hierarquia social, personagens como Blair Waldorf e Chuck Bass, que são capazes de manipular as informações estrategicamente para alcançar seus objetivos, conseguem manter ou melhorar seu status. Na série, estar ciente dos segredos e participar dessa rede de informações dá aos personagens um senso de importância e pertencimento à elite da sociedade.

Ao discutir e reagir às fofocas, os personagens compartilham uma experiência coletiva que os diferencia dos que estão fora de seu círculo. Isso cria uma identidade de grupo, em que ser parte da “bolha” social, onde tudo é comentado e exposto, é essencial para criar senso de pertencimento. Ao mesmo tempo que cria uma identidade comum, a troca de informações, muitas vezes, é usada como critério para incluir ou excluir pessoas do grupo, isto é, aqueles que são mencionados no blog, ganham visibilidade, seja de forma positiva ou negativa, consolidando sua posição social.

Por outro lado, a ausência de menções pode significar irrelevância ou exclusão, incentivando os personagens a buscar formas de se manterem no radar. Isso ocorre com o Dan Humphrey, em que a *Gossip Girl* o chama de “Garoto sozinho e invisível”, justamente por não ser alvo de fofoca, sugerindo que ele não seja parte da alta sociedade. A partir disso, Dan começa a sair com Serena van der Woodsen e seu apelido é alterado, passando de “Garoto sozinho” para “Garoto nem tão sozinho assim”, reforçando que quando começou a se relacionar com a elite, passou a ser digno de ser incluído nos boatos.

Desse modo, a fofoca gera uma noção de status social ao funcionar como um mecanismo de visibilidade e validação dentro de um grupo, moldando a forma como as pessoas são percebidas e posicionadas socialmente. Ser mencionado em fofocas, especialmente em uma plataforma amplamente lida como *Gossip Girl*, significa que um personagem é importante o suficiente para ser notado. Personagens que são frequentemente

falados são vistos pelos leitores como influentes, enquanto aqueles que raramente são mencionados podem ser considerados menos importantes socialmente.

À vista disso, a fofoca pode atuar como uma forma de validação e relevância social, confirmando a importância e o prestígio de alguém no grupo. Oscar Wilde (1981), em “O retrato de Dorian Gray”, afirma que pior do que falarem de você é não falarem sobre você. Esse pensamento reforça que a notoriedade que a fofoca pode trazer e que ser alvo de fofocas, mesmo que negativas, é uma forma de relevância social.

Em *Família, Fofoca e Honra* (2000), Claudia Fonseca analisa como a fofoca, especialmente em contextos familiares e sociais, têm um impacto significativo na reputação das mulheres. Ela destaca que, ao ser alvo de fofocas negativas, a mulher se vê numa posição vulnerável, já que a reputação feminina está estreitamente ligada à sua honra e moralidade. A citação de Fonseca, “a mulher se cuida, pois a coisa mais triste é uma mulher falada”, reflete a pressão social que recai sobre as mulheres para que mantenham uma imagem impecável, algo que é profundamente valorizado na sociedade patriarcal.

Para além da relevância, a fofoca ajuda a definir quem está no topo da pirâmide social e quem deve ser evitado ou “combatido”, uma vez que é capaz de criar inimigos comuns. Isso cria um ambiente competitivo em que os personagens buscam manter ou melhorar seu status, manipulando informações ou protegendo seus segredos. A partir disso, alianças são formadas e rivalidades surgem quando o status de alguém é ameaçado. Essa pressão para agir de acordo com expectativas sociais e manter a imagem pública desejada demonstra como a fofoca orienta e reforça as normas do grupo, perpetuando a hierarquia social.

A fofoca se mostra como um elemento poderoso na construção de status social por definir quem tem poder, além de influenciar comportamentos e estabelecer uma hierarquia visível entre os membros de um grupo. Por se consolidar como um mecanismo cultural, é uma necessidade comum entre os personagens e reforça que ser notado, positiva ou negativamente, é essencial para manter o prestígio e a posição social.

5. Considerações Finais

A fofoca, como prática social, não é um fenômeno recente e sua evolução reflete o desenvolvimento da comunicação humana e das estruturas sociais. O ato de fofocar, que envolve a troca de informações sobre terceiros muitas vezes de forma informal e especulativa, desempenhou papéis diferentes ao longo do tempo, moldando a maneira como as sociedades funcionam e se relacionam.

Historicamente, as mulheres foram particularmente associadas à prática da fofoca, e essa relação reflete estereótipos de gênero e estruturas de poder que perpassam ao longo dos séculos. Nas sociedades patriarcais, onde as mulheres eram confinadas ao espaço doméstico e tinham menos acesso às esferas de poder político e econômico, a troca de informações sobre os outros se tornou uma forma de manter a coesão social. Esse tipo de interação era frequentemente rotulado, principalmente por seus maridos, de forma pejorativa, desvalorizando a importância das conversas e das redes de apoio femininas.

Para além de uma simples troca, o ato de fofocar se tornou um mecanismo de memória coletiva, principalmente entre as mulheres. Esse hábito possui a capacidade de registrar informalmente experiências humanas que podem ser passadas de geração para geração, contribuindo para a consolidação de identidades e normas de um grupo social. Ao contrário do que é caracterizada, a fofoca não é trivial, é um conjunto de interações que são capazes de

moldar como as sociedades preservam sua memória e um atalho para revisitar dinâmicas sociais.

Além de ter funções sociais importantes, como a coesão do grupo e a transmissão de normas, a fofoca também exerce um impacto significativo na notoriedade do ser humano, tanto de forma positiva, como também negativa. Nesse sentido, a reputação e credibilidade de uma pessoa está diretamente relacionada com a percepção externa, o que afeta a sua imagem social. Ter esse zelo em construir uma boa reputação, independente do ambiente, é um comportamento natural do ser humano, sem distinção de gênero.

A associação da fofoca com as mulheres tem raízes históricas, culturais e sociais profundas que remontam a séculos. Essa ideia foi reforçada pela rotulação, desde a Idade Média, que as mulheres eram fofoqueiras e que os homens não participavam de um hábito fútil por não terem tempo disponível para tal. Ao contrário dessa perspectiva, a prática de fofoca é universal e tanto homens quanto mulheres trocam informações, sendo uma característica da comunicação humana.

A partir da primeira temporada da série *Gossip Girl*, foi possível elucidar como a fofoca é presente no cotidiano e como ela pode ser relacionada a ambos os gêneros. Com a compreensão dos arquétipos foi possível idealizar como a mulher fofoqueira é representada na produção audiovisual e no imaginário social. Essa idealização subverte estereótipos de gênero e destaca a fofoca não apenas como uma prática fútil, mas como uma ferramenta estratégica de influência e poder social.

A mulher fofoqueira em *Gossip Girl* é uma figura complexa e multifacetada. Personagens como Blair e Serena representam diferentes aspectos dessa figura, que é ao mesmo tempo influente e vulnerável. A série mostra que a fofoca pode ser uma arma poderosa, mas também traz consequências que afetam tanto quem espalha os boatos quanto quem é alvo deles. Além disso, a figura anônima da garota do blog reflete o poder e a vigilância que a fofoca exerce sobre a elite de Manhattan, servindo como um lembrete de que todos estão sob observação em um mundo onde a imagem e a reputação são preocupações diárias.

Ainda utilizando a série como pano de fundo, foi feita uma análise de como os elementos imagéticos e narrativos contribuíram para o enredo. A partir da estética visual, cenários luxuosos, paleta de cores, escolha de narrador onisciente e as revelações realizadas pela *Gossip Girl*, foi possível destacar o luxo, exclusividade e pressão que os personagens vivenciam. Esses elementos se combinam para imergir os espectadores em um universo singular de aparências e manipulação social.

À vista disso, foi necessário analisar a cultura de fofocar na série. Ao compreender como ela foi representada, foi possível inferir como a produção audiovisual permitiu que os telespectadores associassem a figura da garota do blog a uma mulher, mesmo sem ter feito qualquer tipo de revelação. Além disso, destacou como esse rito é capaz de gerar senso de pertencimento entre os personagens e uma noção de status social, se consolidando como um elemento unificador e uma moeda social que define quem está dentro ou fora do círculo da elite.

Para além do ambiente da série, a importância da fofoca para o convívio em sociedade é inegável. Ela serve como uma ferramenta de socialização, comunicação e manutenção de normas sociais, além de ser um meio de análise e entretenimento. Para as mulheres, esse hábito tem uma relevância particular, não apenas em termos de dinâmica social, mas também em relação à construção de relacionamentos e empoderamento, inclusive na mídia.

Reconhecer a importância da fofoca pode permitir uma compreensão mais rica das dinâmicas sociais femininas e das maneiras como as mulheres são afetadas pelos estereótipos provenientes dessa prática. Existe, portanto, uma necessidade de que sejam feitos mais estudos sobre esse tema, abordando como as mulheres são afetadas pelo caráter pejorativo da fofoca no ambiente de trabalho, como são excluídas ou privadas de discussões por terem a fama de “fofoqueiras” e como o rotulamento causado pela fofoca pode ter efeitos profundos em mulheres que são alvo de boatos, reforçando como a pressão pode levar a um ciclo de autojulgamento e necessidade excessiva de validação.

No entanto, estudar a fofoca e seus reflexos na sociedade é imprescindível para os estudos de comunicação. Uma vez que é um dos instrumentos mais comuns de transmissão de informações, mesmo que ainda seja inferiorizada, e afeta como as normas são estabelecidas e como a opinião pública é moldada. Apesar de sua natureza ambivalente, não convém limitá-la ao fato de ser boa ou ruim, é necessário ir além e entender seus impactos. A fofoca, nesse sentido, precisa ser vista, em suas múltiplas faces, como algo natural e humano.

6. Referências Bibliográficas

COLANTONI, A. G. A. **A fofoca e o fuxico como conhecimento e união entre as mulheres em uma perspectiva fenomenológica.** *História Revista*, v. 28, n. 3, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/70741>. Acesso em: 17 nov. 2024.

FEDERICI, Silvia. **A história oculta da fofoca.** São Paulo: Boitempo, 2019. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/wp-content/uploads/2019/12/minilivroboitempo_a-histc3b3ria-oculta-da-fofoca_silvia-federici.pdf. Acesso em: 17 nov. 2024.

HALL, S. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

DA SILVEIRA, G. B. **A fofoca além do senso comum.** [Rio de Janeiro]: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

BATISTA, S. G. **De alcoviteira a profissional de fofoca.** *Web Revista Página de Debates: Questões de Linguística e Linguagem*, v. 1, n. 22, p. 1-17, 2023.

DE CARVALHO DUARTE, R. C.; FUMES, T. **Web 2.0 e o seriado "Gossip Girl": premissas de um futuro próximo?** 2009. *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*, Rio de Janeiro: Intercom, 2009.

TOMAZ, A. F.; QUEIROZ, T. A. F. **Análise do seriado Gossip Girl: a dependência da informação.** In: INTERCOM, 2012. *Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*, Ouro Preto: Intercom, 2012.

GOSSIP GIRL. Criação de Josh Schwartz e Stephanie Savage. Estados Unidos: Warner Bros. Television, 2007–2012. 6 temporadas.

CHAVES, S. G. B. A. **A transmutação do gênero fofoca nos gêneros midiáticos.** 2014] [Ensaio] – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção.** *Revista CMC*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 29-40, 2007. Disponível em <https://doi.org/10.18568/cmc.v4i11.111>. Acesso em: 17 nov. 2024.

DIA, S. EM. **Promoção, aumento e amizades: estudo americano revela benefícios de uma fofoca “do bem”.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/07/promocao-aumento-e-amizades-estudo-americano-revela-beneficios-de-uma-fofoca-do-bem.ghtml> . Acesso em: 26 jun. 2024

ALMEIDA, T.; PEREIRA, C. C. Q. **A representação da mulher nas séries de televisão.** *Revista DisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem*, v. 11, p. 17-36, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35501/dissol.vi11.734>.

VISTA DO DRAMAS TELEVISIVOS DE PRESTÍGIO E MASCULINIDADE. **Vista do dramas televisivos de prestígio e masculinidade.** *Revista Comunicação e Inovação*, [Universidade Municipal de São Caetano do Sul .]: Edu.br, [set-dez 2019]. Disponível em: https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5470/2835. Acesso em: 17 nov. 2024.

CASTELLANO, Mayka; MEIMARIDIS, Melina. **“MULHERES DIFÍCEIS”: A anti-heroína na ficção seriada televisiva americana.** *Revista FAMECOS*, v. 25, n. 3, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/27007>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SILVA, Fernando. **A Teoria da Fofoca.** Espaço do Conhecimento UFMG, 02 mar. 2021. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/a-teoria-da-fofoca> />. Acesso em: 11 nov. 2024.

MIRANDA, Lucas Mascarenhas de. **Memória individual e coletiva.** *Jornal da Unicamp*, 27 maio 2019. Disponível em <https://unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

GOMEZ, Lilén. **Conceito de Memória Coletiva.** Editora Conceitos, jun. 2023. Disponível em: <https://conceitos.com/memoria-coletiva/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

OLIVEIRA, Camila. **15 curiosidades de Gossip Girl que você provavelmente não sabe.** *Olhar Digital*, 19 jul. 2023. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/07/19/cinema-e-streaming/15-curiosidades-de-gossip-girl-que-voce-provavelmente-nao-sabe/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

MUNHOZ, Maria Claudia. **A linguagem nas redes: uma travessia para a torre de Babel.** *ResearchGate*, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283716921_A_linguagem_nas_redes_uma_travessia_para_a_torre_de_Babel. Acesso em: 11 nov. 2024.

ADOROCINEMA. **Gossip Girl - Audiências.** 19 jul. 2023. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-3241/audiencias/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NORA, Pierre; KHOURY, Yara Aun (Trad.). **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos

Pós-Graduados de História, v. 10, jul./dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SCHWARTZ, Benjamin. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 9, n. 1, jan./jun. 1993. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013. Acesso em: 11 nov. 2024.

RIOS, Fábio Daniel. **Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo**. *Revista Intratextos*, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2014. DOI: <https://doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra** [livro completo]. 2000. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7637781/mod_resource/content/1/FONSECA%2C%20Claudia.%20Familia%2C%20Fofoca%20e%20Honra%20%5Blivro%20completo%5D.pdf. Acesso em: 15 nov. 2024.

RECORD. **Brasileiros gostam mais de ouvir do que contar fofocas**. Portal R7, 01 abr. 2022. Disponível em: <https://record.r7.com/fala-brasil/fala-brasileiro/brasileiros-gostam-mais-de-ouvir-do-que-contar-fofocas-01042022/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GRANOVETTER, Mark. **Redes sociais e a teoria da estrutura social**. 1983.

RODRIGUES, Sonia. **Como escrever séries**. São Paulo: Aleph, 2016. Disponível em: <https://indicalivros.com/livros/como-escrever-series-sonia-rodrigues>. Acesso em: 16 dez. 2024.

VON ZIEGESAR, Cecily. *As delícias da fofoca*. Rio de Janeiro: Editora Galera, 2005.

ELEMENTOS DA NARRATIVA. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/elementos-da-narrativa/>. Acesso em: 16 dez. 2024.